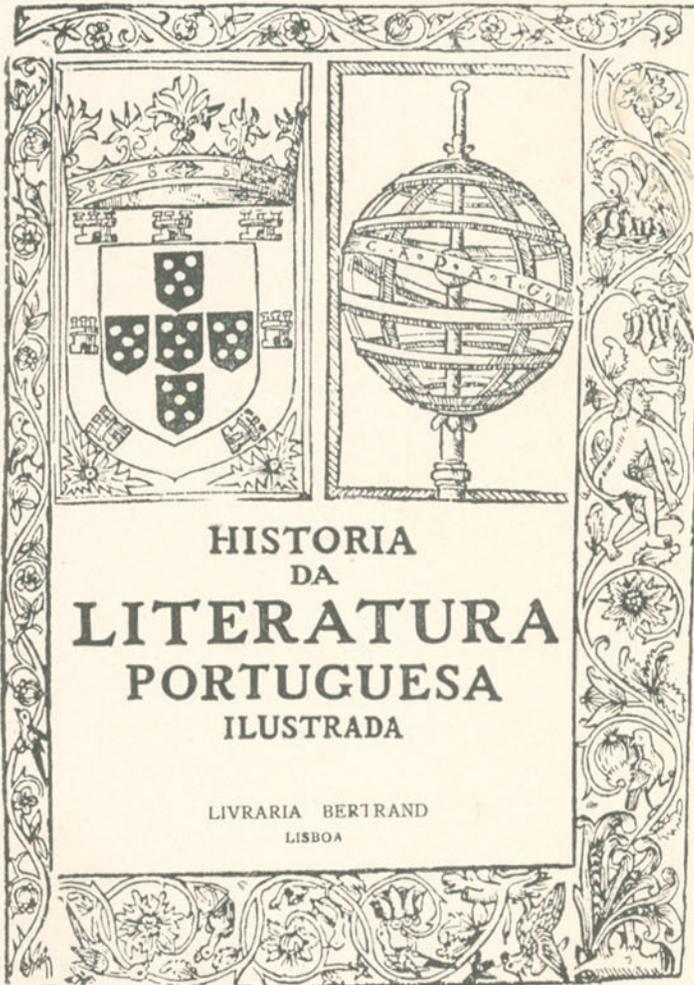


ILUSTRAÇÃO



ANO VI
N.º 132
LISBOA,
15 de Junho
de 1931

A revista portuguesa
de maior tiragem
e expansão



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- FONSO LOPES VIEIRA, escritor.
FONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
GOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
GOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
LVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
RITO CAMACHO, escritor.
ARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
RISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
OLÍLIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JUGENIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
BALDINO COMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSE DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camponeses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES HENSBAT AMELAKI, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGÊ, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

A sair brevemente o XXIX tomo
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

EDIÇÃO MONUMENTAL

**A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITRATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Um Clarion

*alia sempre à
elegancia das
suas linhas*



*uma
encantadora
pureza
de sons*

*representantes
Casa Serraz*

*Lisboa
Rua da Madalena
109*

A. Serraz

Bolachas

Nacional

a grande
m a r c a
portuguesa

*Variadas e Saborosíssimas Qualidades
Um Único Fabrico: O Melhor*

Eu também!



Os meus maiores exitos, como comerciante, devo-os a um segredo nada vulgar: boa disposição constante. Desconheço os dias melancolicos em que nos sentimos doentes e incapazes de emprender qualquer coisa ou de tomar uma resolução.

Jamais abandono o meu posto desde que tomo

CAFIASPIRINA

Qualquer dôr, como dôr de cabeça ou dentes, nevralgias e outras indisposições desaparecem rapidamente graças á Cafiaspirina, a qual ao mesmo tempo reanima e levanta as forças, sem afectar o coração nem os rins.

Tome, pois, Cafiaspirina.



Não afecta o coração nem os rins.

O Prestigio do "Sal de Fructa" ENO

Ha mais de sessenta anos que o "Sal de Fructa" ENO conquistou definitivamente a sua reputação universal.

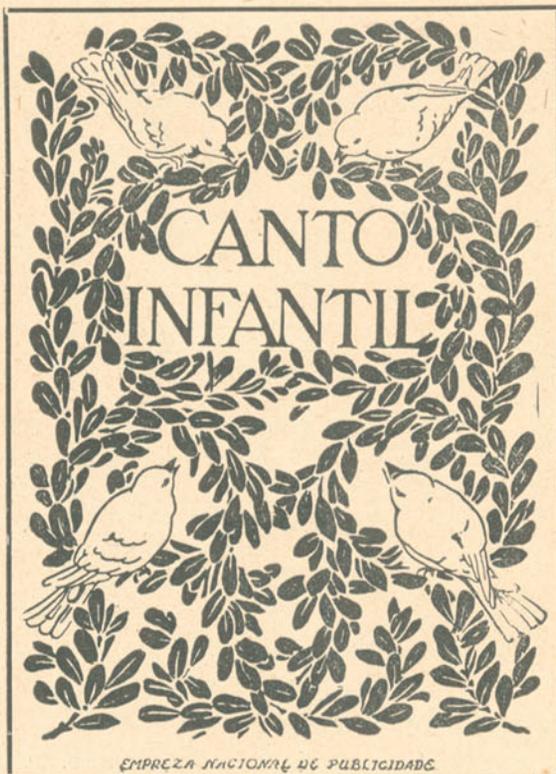
Graças ás suas propriedades suavemente laxativas, o ENO exerce uma acção benefica no estomago e no figado, sendo o remedio mais eficaz para corrigir e fazer desaparecer as perturbações do aparelho digestivo. É o melhor preservativo contra a enxaquecas, azias, flatulencia, provenientes das más digestões habituais. O ENO é util a todos, e todos - creanças e velhos - o podem tomar.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã eá noite.



Ermeico

- "De todos estes livros que teu marido tem na Biblioteca, que lêz tu de preferencia?"
- "O Magazine Bertrand!"



Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Desta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

P R E Ç O : 1 0 \$ 0 0

*A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—e em todas as livrarias*

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume
DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

O PRETINHO DE ANGOLA

por **CESAR DE FRIAS**

com ilustrações de Ilberino dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctissima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS



Derrotai os imundos
PERCEVEJOS
Pulverizai



FLIT

**Horoscopos de ensaio gratuitos
aos leitores dêste jornal**

O professor Roxroy, astrologo bem conhecido, decidiu mais uma vez favorecer os habitantes desta terra, remetendo-lhes Horoscopos de ensaio gratuitos.

A fama do professor Roxroy é tão grande que uma introdução de nossa parte seria obvia.

O seu poder de lêr a vida humana a qualquer distância é simplesmente maravilhoso.

Mesmo os mais afamados astrologos o reconhecem como seu mestre e lhe seguem as pegadas.

Ele lhe dirá do que V. é capaz e a maneira de alcançar o sucesso. Descrever-lhe-ha os períodos favoráveis e desfavoráveis da sua vida. A justiça das suas informações sobre os acontecimentos passados e futuros vos surpreenderá e auxiliará.

O sr. Paul Stahman, sabio astrologo diz:

«O Horoscopo que me foi preparado pelo professor Roxroy está em perfeita conformidade com a verdade. É um trabalho verdadeiramente inteligente e consciencioso. Em minha qualidade de astrologo, examinei atentamente os seus calculos e indicações planetarias e verifiquei nelas a maior exactidão em todos os detalhes, e posso declarar que é uma competência nesta sciencia.»

Se desejar receber uma revista da sua vida, em Português, aproveitando esta oferta especial, mande-nos escrito com a sua mão simplesmente: seu nome, endereço, dia e mês em que nasceu assim como qual a sua terra natal, tudo bem distintamente escrito e com a sua propria mão. Diga se é homem ou senhora (se casado ou solteira) e indique-nos o nome dêste jornal. Não é preciso dinheiro, mas se quizer pode juntar: 2\$50 em selos do correio do seu país, para despesas postais e de escrituras.

Queira ter a bondade de dirigir a sua carta (devidamente selada) para **ROXROY, Dept. 6602.**

42, Emmastraat A HAYA (Holanda)



(LEGITIMO W. B. W. ALEMANHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositarios em Lisboa: S. RAMOS LDA.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15\$00

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda humida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.

Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**

M^{me} Campos Avenida da Liberdade, 35 LISBOA



Para evitar as doenças de rins, calculos, reumatismo, doenças de figado e da bexiga é necessario usar os

LITHINÉS du Dr GUSTIN

A venda nas Farmacias

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capitulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui.»

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ENCONTRA-SE
À VENDA —

A novela Anti-Clerical

A Amante do Cardeal

Por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do **TRATADO DE LATRÃO**. — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento.

Pedidos desde já à LIVRARIA BERTRAND

72, CHIADO, 75-LISBOA

Durante um delicioso passeio de barco, no mar...

póde tirar interessantes instantaneos e, com eles ganhar uma fortuna.

UM lindo efeito de sol sobre o mar, o rebrantar de uma onda ou um bando de gaivotas levantando vôo, são assuntos que poderá aproveitar para instantaneos que lhe farão ganhar uma fortuna.

O Verão oferece uma infinidade de ocasiões propicias para inúmeras fotografias. Envie todas ao Concurso Internacional «Kodak». Quantas mais enviar, maiores probabilidades terá de triunfar.

Não esqueça que uma única foto, pode alcançar mais de 250.000 Escudos em prémios. Uma fortuna ganha em um segundo! Não hesite e dispare!

Personalidades notáveis constituem o Júri português: — D. Amélia Rey Colaço, Dr. José de Figueiredo, Pintor Souza Lopes, Dr. Souza Costa, etc. — A decisão do Júri será unicamente baseada no interesse das fotos, nada interessando a técnica. Portanto as probabilidades de exito serão tantas para o mais inexperiente como para o técnico.

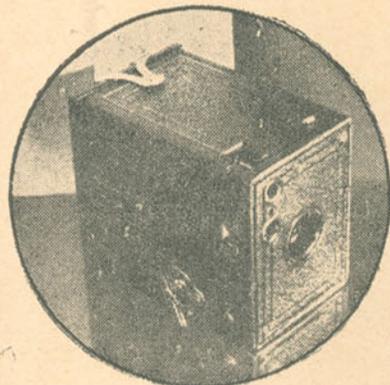
Comece já a tirar fotografias para o Concurso Internacional «Kodak».



● Empregando a Pelicula Kodak, vendida na caixa amarela com a inscrição «Kodak-Film» aumentará as suas probabilidades de exito.



● Um simples «Brownie», cujo manejo aprenderá em alguns minutos, é o suficiente para triunfar.



Prémios

NACIONAIS

Grande Prémio de **10.000** escudos, e mais 66 assim:

6	Prémios de Esc.	1.000,000
6	"	400,000
6	"	200,000
12	"	100,000
36	"	50,000

INTERNACIONAIS

Grande Prémio Internacional de **10.000** dolares e Trofeu Kodak.

Seis 1.^o premios de **1.000** dolares

Categorias

SEIS CATEGORIAS

- A — Crianças
- B — Ar livre
- C — Desportos
- D — Naturezas mortas, arquitectura e interiores
- E — Retratos
- F — Fotografias de animais

As fotografias são recebidas desde 1 de Maio até 31 de Agosto de 1931.

Pedir a qualquer revendedor «Kodak» ou á «Kodak Ltd.», Rua Garrett, 33—Lisboa, as condições do Concurso.

CONCURSO INTERNACIONAL "KODAK"
para fotografos amadores, 375.000 escudos de premios



Indanthren

**Em que se reconhece o artigo
Indanthren?**

Certamente V. Exa. já reparou que certos tecidos, especialmente os de padrões bonitos e modernos, de algodão, seda artificial e linho, têm uma pequena etiqueta com a marca aqui reproduzida. Estes tecidos são de côres INDANTHREN, o que quer dizer que as côres são de uma

**solidez inexcédida
à lavagem, ao sol e às intempéries.**

Comprando tecidos com esta marca V. Exa. pode ter a certeza de que as côres nunca largam, nem desbotam, desde que se lhes dê um tratamento razoável. Sempre que um artigo de algodão, seda artificial ou linho tenha a acreditada marca INDANTHREN, fica V. Exa. sabendo que as suas côres são de máxima solidez. Esta marca só pode ser aplicada em tecidos e fios que tenham sido tingidos ou estampados com os conhecidos corantes Indanthren. Todo o abuso desta etiqueta será perseguido.

Faça o favor de perguntar ao seu fornecedor; êle lhe confirmará que não há melhor.

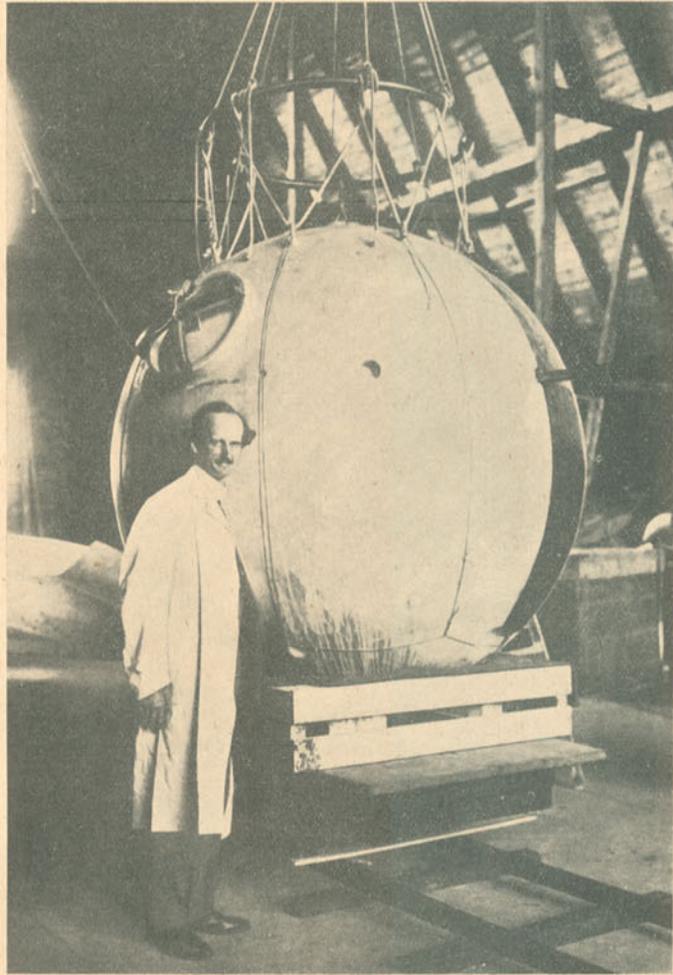
ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 132

15 de Junho de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 .. Composição e impressão:
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ..
Assinaturas e Administração: RUA DO DIARIO
DE NOTICIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ..
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.ª e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.



O Balão do professor Picard

Numa temerária tentativa de exploração das altas camadas atmosféricas, o professor Picard, que vemos na foto acima, subiu no seu balão de barquinha esférica a 16 mil metros de altura. Desmaiou, desceu, observou e disse: «Nunca mais!...»

(Foto Orrios)

O ultimo discurso de Briand

Último... em data, felizmente, porque o glorioso político europeu está vivo e são, foi o notável discurso de Aristides Briand perante a Conferência Europeia do Desarmamento, destruindo, pulverizando a União Aduanceira Austro-alemã. À esquerda de Briand, François Poncet e o segundo, à direita, é Sir Eric Drummond

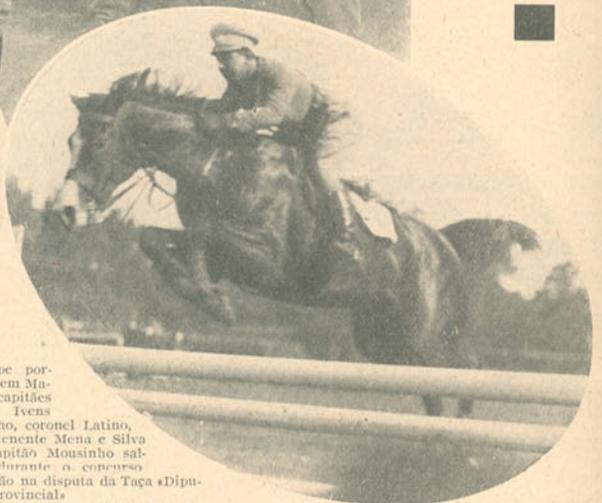
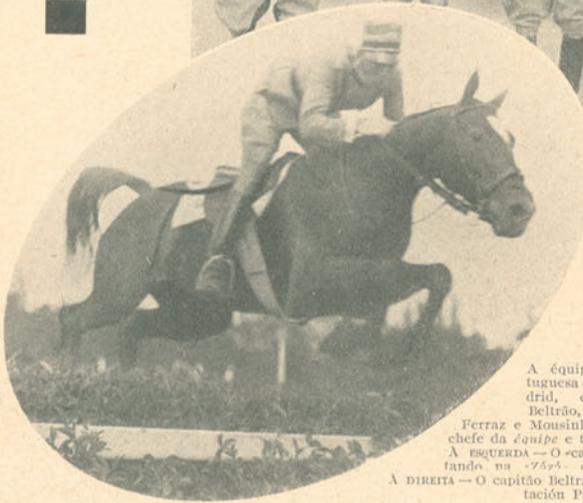
(Foto Orrios)



== 0 ==
Con-
curso
Hípico



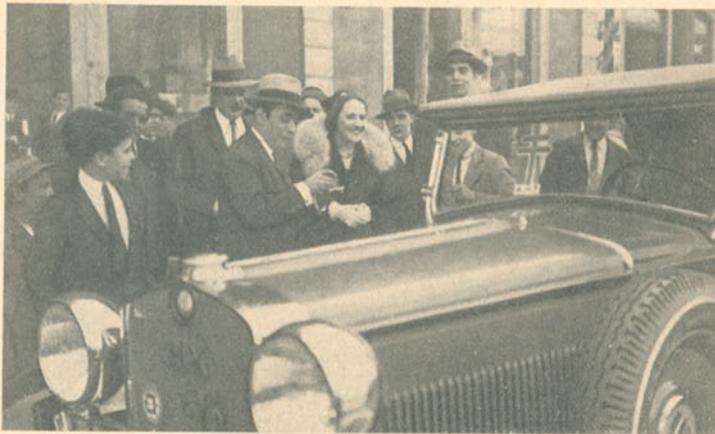
Inter-
nacio-
nal de
Madrid



A equipe por-
tuguesa em Ma-
drid, capitães
Beltrão, Ivens
Ferraz e Mousinho, coronel Latino,
chefe da equipe e tenente Mena e Silva
A ESQUERDA — O capitão Mousinho sal-
tando na «7524» durante o concurso
A DIREITA — O capitão Beltrão na disputa da Taça «Dipu-
tación Provincial»
(Foto Orríos)

A SEMA-
NA DA
TUBER-
CULOSE

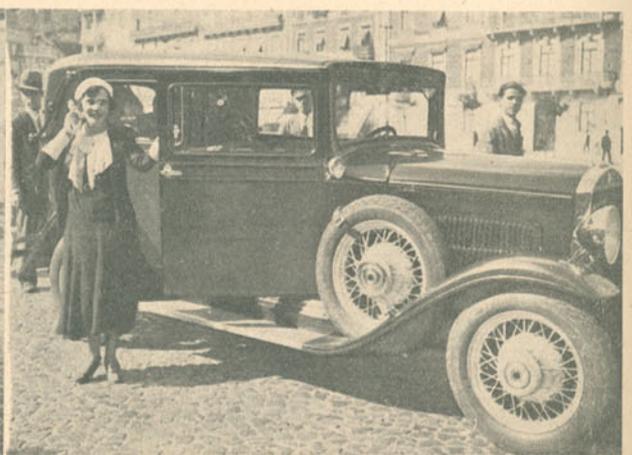
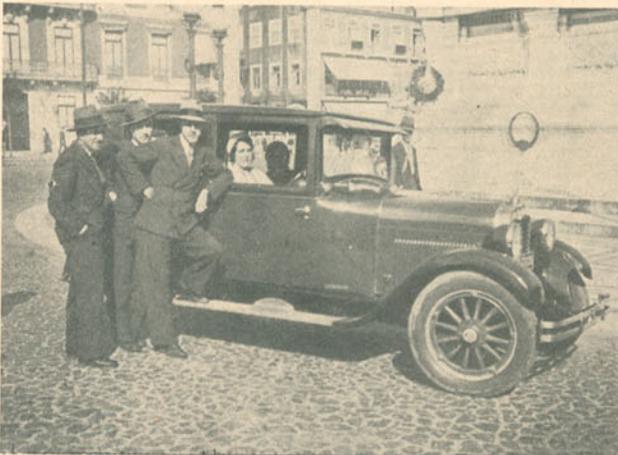
Durante as originais festas de
benemerência os automobilistas
amadores fizeram serviço de
taxis em proveito da Semana
da Tuberculose, obtendo gran-
des receitas



E O DIA
== DA ==
VIACÃO

EM CIMA — Uma «cliente» pa-
gando o seu serviço a um
«amador»

EM BAIXO — Dois automóveis
que se destacaram entre os que
fizeram serviço de taxi para os
tuberculosos, por serem guiados
por encantadoras meninas da
nossa sociedade
(Fotos H. Novais)



EM PARIS

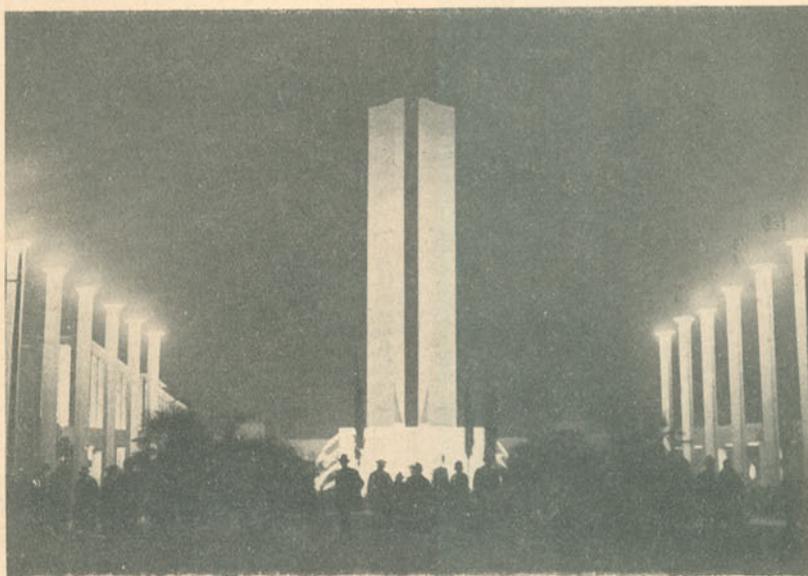


A MAGIA
DA LUZ
NA
EXPOSIÇÃO
COLONIAL

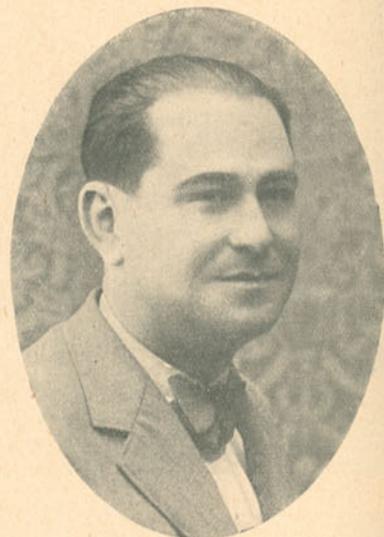
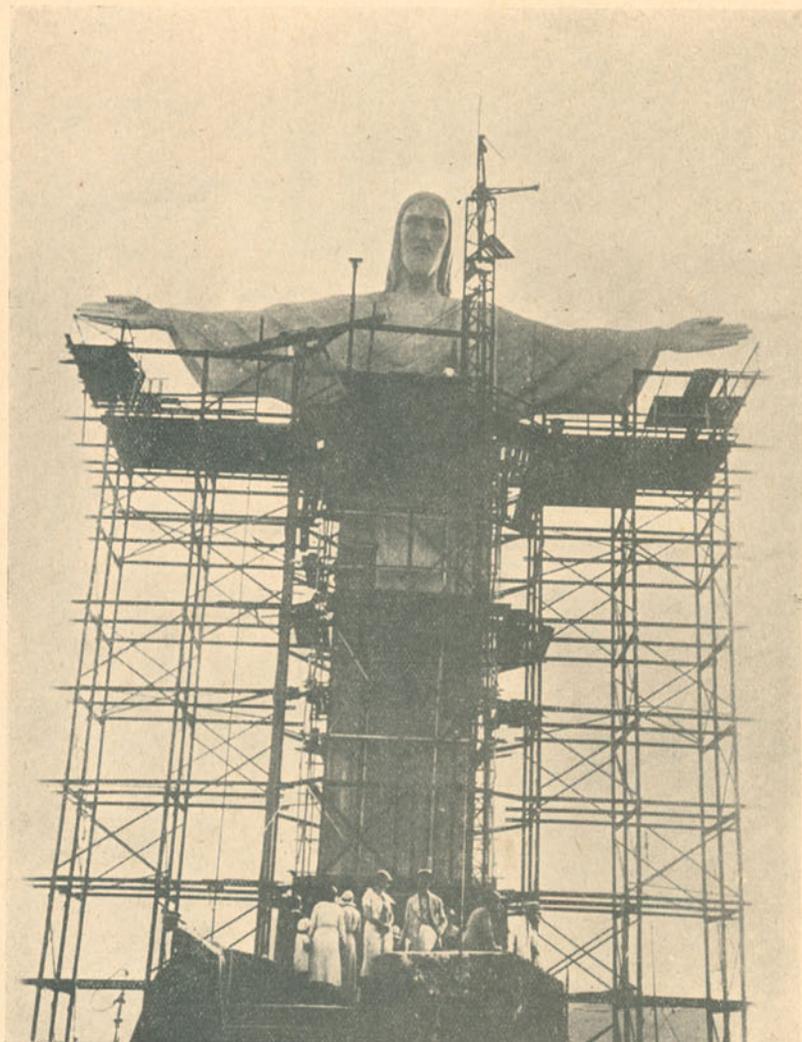


SE é grande o deslumbramento do visitante da Exposição Colonial de Paris, ante a magnificência dos edifícios e construções monumentais, dõcemente tamizada a luz solar pela verdejante frondosidade do lindo parque de Vincennes, mais se acentua essa impressão de fantasmagoria inextinguível, de magia arrancada às lendas orientais de Kalifas, génios e mercadores nababos, quando a luz, noite alta, fulge em tôda a sua pujança sôbre as maravilhas architectónicas ali amontoadas. As nossas fotos representam alguns dos aspectos mais curiosos da prodigiosa iluminação, ou sejam, em cima, o célebre templo de Angkor, atractivo supremo do certame; ao centro, dois aspectos pitorescos das iluminações à beira do lago, e em baixo, o majestoso efeito da grande entrada de honra batida sãbiamente pela luz artificial.

(Fotos Orríos, exclusivo de «Ilustração»)



VEJAM!...



Rodolfo Llopis, ilustre pedagogo espanhol que realizou há pouco grandes estudos sobre os novos métodos de ensino postos em prática na Rússia e acaba de tomar posse do alto cargo de director geral do Ensino Primário na Republica Espanhola



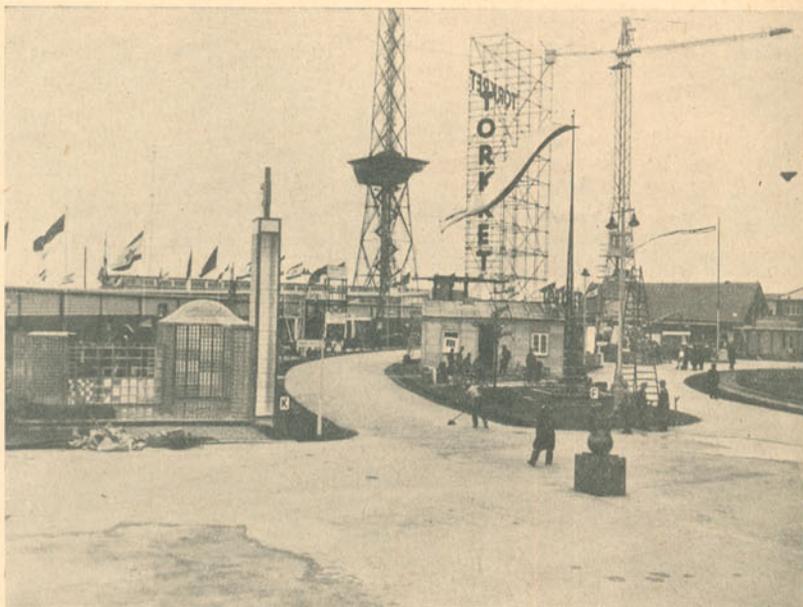
À ESQUERDA — Sobre o monte Corcovado, dominando a baía de Guanabara e o Rio de Janeiro, vai inaugurar-se em breve a mais gigantesca figura de Cristo Nazareno que fica existindo no mundo. O Corcovado mede 2.200 pés de altura e a estátua mede mais 150 pés. É construída em cimento armado e foi iniciada em 1927. De ponta a ponta dos dedos, a imagem mede próximamente 125 pés



Albino Forjaz de Sampaio, ilustre académico, que realizou uma notável conferência pública sobre o tema «A crise do livro português», encerrando assim brilhantemente a «Semana do livro»

À DIREITA — A pitoresca entrada da Exposição da Edificação de 1931, em Berlim, aberta neste momento com o maior dos êxitos e onde se podem admirar todos os progressos mundiais em engenharia, arquitectura, decoração, etc. Pode classificar-se este certame como o mais notável dos últimos tempos

(Foto Orrjos)

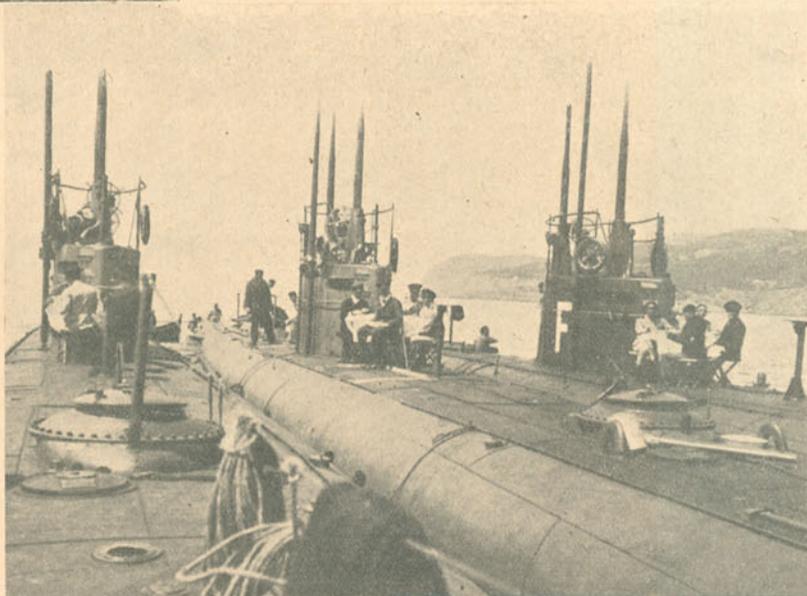


A propósito dos
últimos exercícios

OS NOSSOS SUB- MERSIVEIS AINDA NAVEGAM



Voltando à superfície de-
pois de uma imersão



A ESQUERDA — O almoço
da oficialidade na tolda
do navio, em frente de
Sczimbra

O serviço que hoje prestam os nossos submersíveis, tendo ultrapassado já o limite de duração — o que representa para as suas guarnições um perigo de vida em navios desta classe — constitui

mais uma prova do valor e da tenacidade de quantos tripulam os três velhos submersíveis da nossa depauperada força naval.

Vêm estas considerações a propósito da forma como se houveram nos recentes exercícios de conjunto as três unidades que o sr. capitão de fragata Almeida Henriques comanda com o seu espírito de marinheiro ilustre e amantíssimo da sua corporação.

O «Hídra», o «Foca» e o «Golfinho», assim se chamam os três submarinos que arvoram ainda a bandeira verde-rubra da República, realizaram durante seis dias um período intenso de exercícios na costa, provando a par da excelência da sua construção o grau de aperfeiçoamento físico e profissional dos sessenta e seis oficiais, sargentos e marinheiros que os tripulam.

E regressaram depois ao Tejo, remoçados, elegantes e donairosos como haviam partido, habilmente conduzidos pela «gente de Belém», êsse núcleo militar que constitui hoje — e digo-o sem qualquer sombra de lisonja —

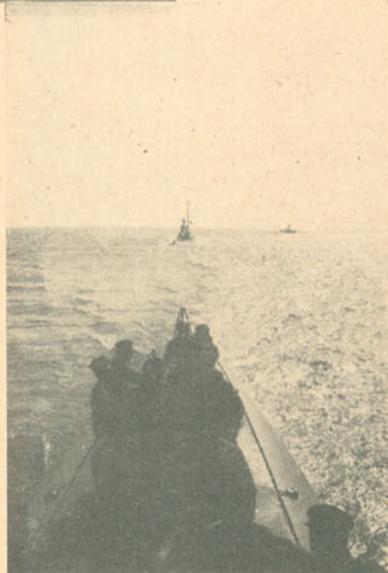
um dos melhores corpos de «élite» da nossa gloriosa Marinha de Guerra.

Dentro de dois anos, quando os nossos novos submarinos artilhados entrarem no estuário do Tejo, ninguém deixará certamente de recordar os quatro pigmeus — «Hídra», «Foca», «Golfinho» e «Espadarte» — detentores dos louros gloriosos de verdadeiros precursores da navegação submarina na Armada nacional.

Neste momento, em que se vai operar uma profunda remodelação material na constituição das nossas forças navais, é justo salientar o que foi o esforço de quantos conseguiram, mercê do seu valor profissional, prolongar quasi milagrosamente a vida e o serviço eficaz de uma grande parte das unidades da nossa frota de hoje.

Para êsses dominadores do mar deve ir, pois, na mais ampla acepção da palavra, o honroso título de «Marinheiros de Portugal».

MAURICIO DE OLIVEIRA.



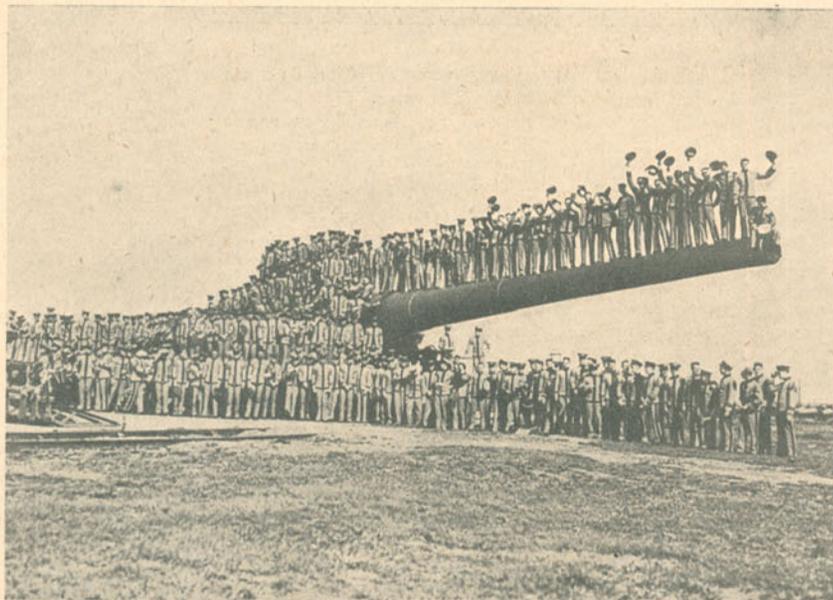
EM BAIXO — A esquadri-
lha navegando em colúna
simples no largo do cabo
Espichel



ACTUALIDADES

EM BAIXO — Está provado que o mundo pensa na paz. Esta foto o prova, visto que nos mostra os futuros oficiais yankees, ao sair da Academia de West Point, empoleirados num canhão de 16 polegadas, que é uma das últimas maravilhas da indústria americana destinada a... firmar em bases sólidas, o Pacto de Kellog — (Foto Orrios)

EM CIMA — Na Holanda foi comemorado, brilhantemente, o primeiro decenário da sua gloriosa Aviação Militar, uma das mais eficientes do mundo. Do programa das festas fez parte uma solene recepção ao elemento militar pelo ministro da Defesa Nacional. Na nossa foto, gentilmente comunicada pelo nosso ilustre amigo e zeloso consul honorário de Portugal sr. Johan



Voetlink, pessoa da mais alta representação social em Amsterdam, vem-se o comandante Jan de Flines, que há pouco realizou uma conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa (1), o general J. H. Borel, ajudante de S. M. a Rainha da Holanda (2), o Dr. L. N. Deckers, ministro da Defesa Nacional que recentemente visitou Lisboa (3) e o almirante J. Quant (4)



A
S
E
M
A
N
A

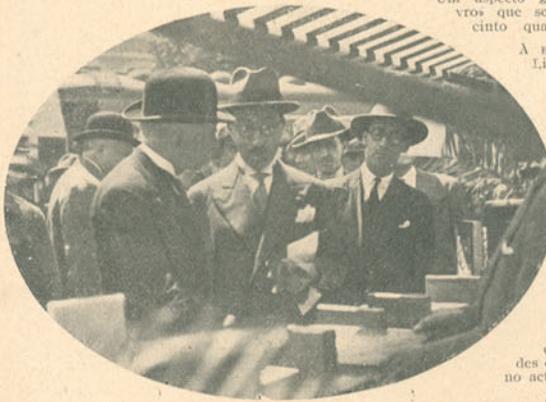
Um aspecto geral da curiosa «Feira do Livro» que se realizou em Lisboa. O recinto quando da visita presidencial

A ESQUERDA — No estande da Livraria Bertrand. O sr. general Carmona e ministro da Instrução visitando a estalage

A DIREITA — Ventura Abrantes, secretário da Assoc. dos Livreiros, com o chefe de Estado diante do estande da Portugal-Brasil

EM BAIXO — O sr. general Carmona, ministro da Instrução, altas personalidades e comissão organizadora, no acto da inauguração da Feira

(Fotos H. de Novais)



DO
LI
VRO





**Portu-
gal
venceu
a
Bélgica**



**em
FOOT-
-BALL**

A derrota que o grupo representativo de Portugal em «foot-ball» infligiu à boa selecção belga que nos visitou, nem por branda desmerece no seu efeito moral.

EM CIMA — A *equipe* representativa de Portugal
NO OVAL — Portugal chega, fulminante, ante as redes da Bélgica

EM BAIXO — O *team* representativo da Bélgica

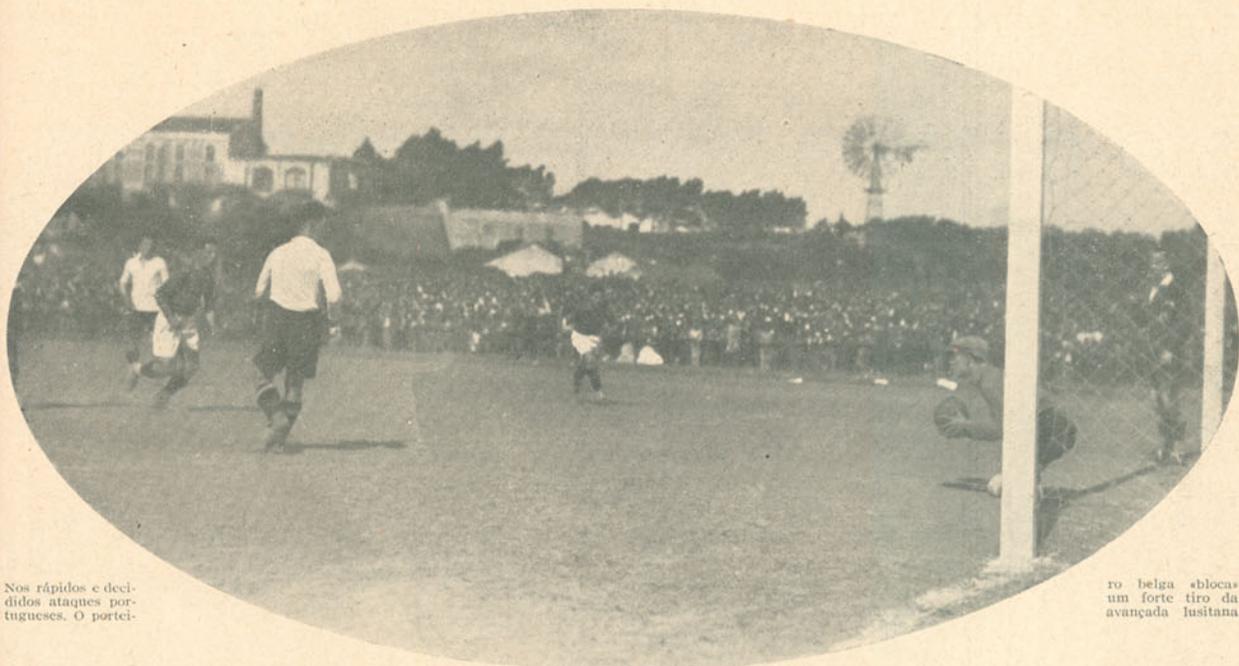
A pequena diferença do *score* pode não ter, aparentemente, significado altíssimo, mas se pensarmos em que a nossa selecção estava longe de ser a melhor, se pensarmos na tre-





BARTOLOMEO
ESTEBAN
MURILLO

SANTO ANTONIO



Nos rápidos e decididos ataques portugueses. O portei-

ro belga abloca um forte tiro da avançada lusitana

menda campanha derrotista empreendida a propósito deste jogo internacional, se pensarmos nas pressões que se exerceram sobre os belos rapazes que defenderam as nossas cores no sentido de os levar a uma abstenção vergonhosa, reconheceremos que o resultado do desafio foi honrosíssimo e que, se lá fora se lhe dá o significado técnico que se atribui sempre a um escasso 3-2, temos nós que lhe conferir o significado moral de uma atitude nobilíssima de alto brio desportivo da parte do *team* que jogou, atitude só por si sufi-

ciente para reabilitar a vergonha que vai no *foot-ball* português.

Efectivamente, reputamos absolutamente inqualificável a atitude de quem quer que seja que mantém latente o conflito da Associação de Lisboa com a Federação, e que tem a responsabilidade tremenda da fraca organização das selecções portuguesas em desafios

EM BAIXO — O primeiro ponto marcado pelos belgas nas redes portuguesas

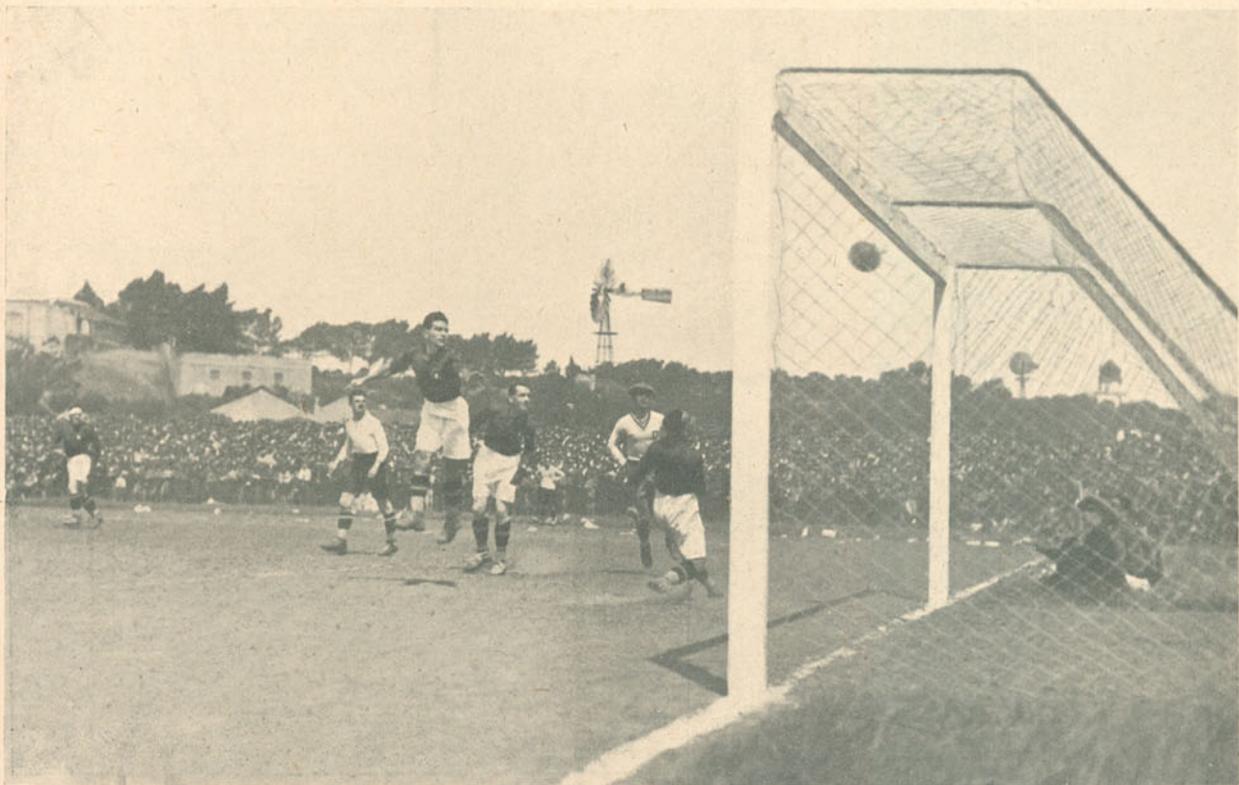
(Fotos Horácio de Novais)

internacionais. É ao que pode chegar o egoísmo e a falta de dignidade desportiva!...

Felizmente que, às vezes, as selecções dadas como *fracas* são compostas de homens com a alma e a ténpera dos jogadores portugueses que derrotaram a selecção belga!... Felizmente!...

Verdade seja que alguns foram recompensados com um castigo registado por... terem vencido, dignificando o *foot-ball* e o desporto português!

FREEKICK.



V I D A S O C I A L E M U N D A N A



NO OVAL, DA DJREITA—Grupo de gentis alunas do Colégio Parisiense, de Lisboa, que compõem a classe de dança artística, por ocasião da sua festa realizada no Teatro Nacional

(Foto H. de Novais)



EM CIMA, À ESQUERDA—Em Viana do Castelo, O IV Braga-Viana realizou-se no passado dia 7. Os dois grupos: no primeiro plano Viana e no segundo Braga, que disputaram a supremacia do «foot-ball» minhoto, vencendo Viana por 4 a 0 e depois dum jogo animadíssimo

EM CIMA, À DIREITA—Os representantes das Associações de Viana e Braga e capitães das duas «équipes», antes do jogo, vendo-se o distinto desportista Cândido de Oliveira

(Fotos Aurellano Carneiro)



EM CIMA—Uma festa de arte no Orfeão de Paço de Arcos. A cerimónia da inauguração da lápide de homenagem aos ilustres cantores José Rosa e D. Isabel Pêgo Bergstrom, cooperadores das festas desta prestante colectividade artística

À DIREITA—No passado dia 12 de Abril realizou-se na Igreja de S. Salvador da Aramãnia, concelho de Marvão, o casamento da sr.ª D. Dionísia Videira Carrilho, gentil filha da sr.ª D. Maria da Estrêla Videira Carrilho e do sr. Lourenço Carrilho, já falecido, com o sr. dr. José Ribeiro, advogado em Abrantes, filho da sr.ª D. Maria Correia Ribeiro e do sr. João António Ribeiro. Paranimfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Luísa Videira da Silva e seu marido, tios da noiva, e por parte do noivo a sr.ª D. Odília de Miranda Vasconcelos Martins de Carvalho e seu marido o sr. dr. Henrique de Miranda Martins de Carvalho. Na residência da mãe da noiva foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos em viagem de núpcias. Na «corbeille» da noiva viam-se muitas e artísticas prendas



POR TERRAS MISTERIOSAS DA ÁSIA

INCIOU-SE, há pouco, uma das maiores viagens de exploração terrestre dos tempos modernos — a Expedição «Haardt».

O seu objectivo consiste em resolver muitos problemas, até agora insolúveis, relativos à misteriosa Ásia.

Pela primeira vez no mundo, os mesmos homens — 30 membros desta importante expedição — percorrerão parte do caminho trilhado por Marco Polo; pisarão a antiga estrada por onde transitavam as caravanas que do Celeste Império transportavam a seda às margens do Mediterrâneo; e aplicarão nestas inóspitas paragens processos de observação e registo científico de que não dispunham os sábios jesuítas que algumas delas visitaram em tempos idos.

A esta grande expedição associou-se a Sociedade de Geografia dos Estados Unidos da América.

Além da aparelhagem científica que equipa a expedição Haardt representar a última palavra no género, como meio de transporte empregam-se 10 carros-lagartas Citroën com os competentes reboques.

A lubrificação destes veículos ficou a cargo da Vacuum Oil Company que, das suas bases espalhadas pelo continente asiático, expedirá os óleos Mobiloil para os vários postos de abastecimento estabelecidos ao longo do percurso da expedição.

A expedição trabalhará, primeiramente, em duas secções completamente separadas.

Uma delas, o chamado Trôço do Pamir, partiu já de Beiruth e, começando pelos Montes do Líbano, vencerá abruptos passos alpestres até atingir Kashgar, no Turquestão Oriental. A outra secção, o Trôço da China, que partirá de Peping para Kashgar, operará, em cooperação com as autoridade chi-



A expedição saindo de Beirut, sobre as encostas do Líbano, caminho de Damasco



nesas, numa região de carácter inteiramente diferente — as solidões ardentes da Mongólia.

Reunidos os dois troços em Kashgar, re fará a expedição inteira o caminho previamente percorrido pelo Trôço da China, seguindo depois para o sul, até Saigon; e daqui, pela Indo-China, Índia, Beluchistão e Arábia atingirá, 18 meses depois da partida, a cidade de Beiruth, o ponto de onde saiu o Trôço do Pamir.

Os sábios ocupar-se-hão no estudo da geologia e botânica, Far-se-hão também observações meteorológicas para se preencherem algumas lacunas nos mapas meteorológicos do globo. Nos filmes sonoros e coloridos ficarão fixados os costumes, trajes, cerimónias religiosas e a música de tribus muito pouco conhecidas.

(Fotos da American Colony, Jerusalem)

A ESQUERDA — Em Damasco — Mr. Maynard Owen Williams, da Sociedade de Geografia de Washington, abrindo o posto de rádio

A FESTA DA QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA



DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO :

No largo da Feira — Em plena «cerimónia» grotesca da queima das fitas

Um dos mais belos carros do cortejo com figuras alegóricas e... caricaturais

Outro formoso carro ornamentado a flores, conduzindo quartanistas e «caloiros»

A «tripulação» dum dos automóveis. O inevitável «caloiro-trintanário» e os novos doutores

O cortejo saindo da Universidade, pela Porta Férrea, direito ao largo do Castelo

Um carro ultra-alegórico que despertou gerais atenções

(Fotos Manuel Alves Serena)





O EDIFÍCIO MAIS ALTO DO MUNDO INTEIRO

O presidente Hoover inaugurou há pouco, em Nova York, o Empire State Building, edifício monstro, que é o maior do mundo. Mesmo na grande urbe dos *arranha-céus*, o Empire State Building é alguma coisa de espantoso. Tem apenas 101 andares e é encimado por um mastro para amarração de dirigíveis. Da base desse mastro ao solo mede a bagateta de 1.248 pés de altura. As nossas fotos representam o gigantesco edifício e a sua iluminação nocturna utilizada para incitar os americanos ao serviço militar.



O PRIMEIRO AMADOR FO- TOGRAFICO DO MUNDO

O simpático velhinho, cuja foto reproduzimos ao centro, o alemão Emil Wenig, pode ser considerado o pai da fotografia de amador.

Efectivamente, Emil Wenig, que conta agora 80 anos, construiu em 1881, isto é, há meio século justo, o primeiro aparelho fotográfico para amador, que se vê com êle no retrato. A invenção de Daguerre deve a este aperfeiçoamento a sua popularização. A foto de *atelier*, em dispositivo, chapa de cobre, etc., tornou-se a maravilha que é. Existiriam a *Ilustração* e todas as revistas do mundo se Wenig não tivesse existido?



OS RIGORES DA MAQUILHAGEM

Não é possível filmar-se uma produção sem que os actores estejam devidamente maquilhados — tal é a opinião de Cecil Holland, perito em maquilhagem nos «studios» de Hollywood.

A maior parte dos actores poderiam aparecer na tela sem maquilhagem, apenas com a cor rosada natural da tez, e com a expressão natural de cada fisionomia, diz Holland. Mas é preciso considerar-se que a linda e fresca cutis da colegial produz um efeito desastroso na tela; as bochechas rosadas aparecem



Ruth Chatterton, a quem chamam «A Duse do cinema falado»

escuras, sobresaíndo sobre um branco cada-vérico. E quando a recatada jovem se ruborisa, o seu rosto aparecerá enegrecido, à medida que a onda de sangue se torna avermelhada.

A ESQUERDA — Nancy Carroll será sempre uma das favoritas da mocidade cinéfila...



“SKIPPY”



QUE VIDA DE CÃO ESTÁ DO CINEMA!

«Skippy» é uma película interpretada por crianças, o mais alto êxito cinegráfico deste ano. Nela travaremos conhecimento com Roberto Coogan (à esquerda), o irmãozinho do inesquecível Jackie Coogan de «O pobre miudinho» (ao centro), sendo também outro astro o novo prodígio Jackie Cooper, antigo componente de «Pandilha», que interpreta o protagonista

Em geral, os homens não necessitam da verdadeira maquiagem. Alguns dêles até se veriam melhor sem crêmes, pós ou pinturas, que servem apenas para suavisar os traços masculinos do rosto. Não podem, contudo, prescindir da maquiagem sem grave prejuízo para a sua aparência de conjunto. O contraste entre os rostos de uns e de outros seriam chocantes, e os homens com as caras pálidas, fariam aparecer as artistas excessivamente morenas.

Se o actor não tivesse no rosto cor alguma, a maquiagem seria coisa supérflua. Mas é preciso dissimular com uma camada de crême o vermelho das bochechas, de maneira que a cor do rosto seja igual. O crême deve ser espesso e escuro, para que não se note o súbito rosado causado pela excitação ou o exercício físico.

Holland assegura que nos «studios» californianos se consomem anualmente mais de mil duzentos e

EM BAIXO — Três protagonistas do mesmo filme. A U. F. A. está preparando um grande filme falado e sonoro «Bombas sobre Monte Carlo» e editá-lo há em três línguas. Assim, vemos na fotografia, da esquerda para a direita, as três intérpretes da rainha Iola, Sari Maritza (versão inglesa), Käthe Von Nagy (versão francesa) e Anna Sten (alemã)

(Foto Orrtos)



Um ídolo exótico na Exposição Colonial de Paris... Não; é a linda Joan Marsh numa fantasia Inca



vinte e sete quilos de crême e pós, nos rostos dos artistas. Com a invenção dos filmes policromáticos e as inovações das luzes incandescentes, cada vez mais se usa a maquiagem escura, passando do matiz rosado e amarelo ao castanho escuro.

Há tempos resolvemos usar pintura cor do café para os lábios das artistas, continuou Holland, mas a vaidade feminina pôs objecções. Agora a pintura é avermelhada, mas feita à base de tinta castanha, e de vários modos.

Holland diz que os pós e cosméticos usados na maquiagem estão numerados segundo os diversos matizes, começando com o 21 e terminando com o 29, que é o mais escuro.

A maioria dos actores, como Ramon Novarro, John Gilbert, William Haines, Robert Montgomery, Buster Keaton, John Mack Brown, Kent Douglass, Neil Hamilton, Leisle Howard, Lewis Stone, etc., usam o número 27, enquanto que as artistas usam o de número 25. Os homens aplicam cosméticos dos números mais escuros que os das mulheres. E assim elas aparecem mais brancas e com a textura da cutis mais delicada.

Norma Shearer, Marion Davies, Greta Garbo, Leila Hyams, Anita Page, Dorothy Jordan e outras belezas dos «studios» da Metro usam cosméticos do mesmo matiz; mas Jean Crawford requer o número 27, o mesmo que os homens, em razão da cor avermelhada dos seus cabelos, e da grandezã de seus olhos.

A maquiagem, diz Holland, é antes de mais nada, uma máscara que se põe sobre o rosto para conservá-lo normal. É também um auxiliar da beleza, por isso que dissimula as manchas da cutis e corrige a irregularidade das feições.

POR TERRAS MADEIRENSES

DE SAN LOURENÇO

Uma procissão marítima no Caniçal

PROMONTÓRIO anfractuoso e antecedido pelos feldspatos do Ilhéu de Fora, a Ponta de San Lourenço, ou faça derivar seu nome da venturosa «barcha» pilotada por Zarquo (Zarco) e Tristão Vaz, ou se origine no rudo chamamento dos navegadores pela Padroeira das monções,—é averiguado e certo que assim ficou diferenciada na toponímia da Ilha, desde a hora primeira do Descobrimento.

Formada de rochas basálticas, conglomerados de escórias e tufo de lamias vulcânicas, alfombram-se suas eminências de marroios vivazes e margaças, *anthesis cotula*, e da fragosidade de seus algares por vezes irrompem,—em obstinada ânsia de vida,—lançgens finas de maçacota, a vegetação aromática dos fenos.

Escudeiram-na, além do Ilhéu de Fora, onde foi instalado um farol lenticular, os dois ilhéus «Agostinho» e «Desembarcadouros». No Ilhéu de Fora vive isolado de todo o convívio, o *faroleiro*. Durante as ásperas noites de inverno, nunciadas pelo rouquido das procelárias na desolação dos mares, ali se conserva em operosa vigília, esforçando-se por que sempre luza em scintillas de esperança—o *farol*. Os homens do mar louvam-lhe a continuidade do sobrehumano esforço, e quando o austro ou os aguiões sopram em desabridas rajadas, pondo em perigo a fragilidade das embarcações de pesca, lanchas pacientemente calafetadas, brunidos barcos de capêlo, com suas cherriolas, peneiros para a «ruama», e a rudimentar vara de salto,—é êle quem vela, abaixo de Deus, pelo salvamento de tantas vidas.

Quando estivemos em San Lourenço, seis cristalinos dias de verão, as areias da Praia intensamente faiscavam, e no ápice de um elevado monte sobressaía, em brancuras cândidas, a capela de Nossa Senhora da Piedade. Para leste demora a Igreja do Caniçal, paróquia humilde de pescadores, de onde em usança antiga os fiéis de todos os anos surdem, faces glabras, e um tudo nada casquilhos, para o original préstito marítimo. A «procissão» organiza-se na rucla em frente à matriz e vai ocupar a «cendrada» concavidade de lanchas engalanadas. Primeiro, a Senhora da Piedade em arrendilhado andôr de cedro, o pároco e seus acólitos ostentando pluviais recamados de oiro, as irmandades com a perfulgência de sua cruz latina, ceroferrários sécios e de opas novinhas em fôlha. No barco

Fê-em-Deus, avistam-se teorias de simbólicos ex-votos, cêra modelada por estatuários de acaso, círios com seus enfeites de fita e auriluzentes lamelas.

O figle e as «trompetas» da filarmónica da vila, o convizinho burgo de Machico, sôam cadenciadamente no batelão próximo, enquanto que em barcos de velas levemente enfunadas, galhardetes e bandeirolas arfando sob a blandícia das aragens, a coorte de devotos enclavinha a rudeza de mãos grangeadoras, no fervor da prece.

Vamos no «Gavião», embandeirado em arco, ladeado pelo «Falcão», outro vapor anaíinho crismado de ave de rapina, e o «Dekade I». De lês a lês, pelo tombadilho da nossa embarcação, escaleiras embreadas, e pelas duas lanchas que se suspendem como aljafras de sólidos rodízios, fervilha, em contínuo sussurro, uma multidão heterogênea: — *senhoras da cidade*, encalamistrados cabelos e de recorte à *Maria-rapaz*, sáias efesinas de dançatriz; abegôas robustas das aldeias da Ilha, com a tafalaria de suas andainas ricas, oiros novos de ver a Deus.

O mar, imensurável, é azul. E obsidianos as gradações várias,—infinitas quási,—as nuançadas tonalidades do azul. Azul-loiro, azul índigo, profundo azul turquesa, azul óxido de cobalto, azul das Piedades doloridas, semelhantemente às poídas melânias que recobrem a imagem da Virgem, na celebração do orago.

Rajões e harmónios, tocados a bordo, a súbitas desparzem pelo ar melodias bárbaras, truncando e anulando os metálicos acordes dos uniformizados «gaiteiros». Como grito de uma ave marinha,—de aroponga, no símile pinturesco de um *ilhéu* regressado das férteis regiões amazónicas,—apenas se distingue, espaçadamente, a inexpressiva agudeza dos pífaros.

Uma «manga» de moçoilas invade agora a calandrada coberta da «ponte», e em requista fictícia com machacazes da *Costa de Baixo*, de manjericos,—lá se dispõe para o baile batucado, ou passos rítmicos de ciranda, braducado, ou passos rítmicos de ciranda, braços encurvnhados em ansa, caras fortemente alumniadas pelo riso. Efusiva a malícia da primeira trova, com suas rimas alternadas, espontânea, sonora, de uma impecabilidade de metrificação. Nova quadra trespassa a transparência doce do ar, e assim se iniciam as fases trovadorescas da escaramuça, canta-

rilhos de glosa, bailias e «tenses» ou «contenses» de *mal-dizer*, sob o olhar complacente dos patriarcas de gleba.

Por um momento o silêncio fêz-se—espesso. A lancha, onde suavemente se eleva a Virgem da Piedade, abicou resolutamente em frente à capela. E divisa-se o volutear das irmandades subindo preciosionalmente a encosta íngreme do monte Gordo, lumes tremeluzindo como fogos-fátuos, as bentas e oirilvradas andas da Senhora, a argentea rutilação das cruzes.

Nos baixéis há rezas mussitantes, piedosos rogos pelos que navegam a intranquillidade das ondas. A Senhora se amerceie das angústias dos naufragos escabujando em meio de escarcêus, vagas ululantes, marroios altos semelhante as tórres de silharía! Ante as iras do Oceano, tudo se confrange. Abrem-se caneluras nos fragueudos da costa, rolam os seixos fragorosamente, e mastros de mezena, cordoajamentos, cadilhas e sarrafos de teca, vêm de escantilhão bater na imobilidade dura das restingas...

Em San Lourenço há, no entanto, um fundeadouro seguro: é nas águas da Abra, de uma adamantina limpidês, jacás assomando aos interstícios limosos, porventura *Venus effossas* nas herméticas funduras.

As lanchas e vapores costeiros, acogulados de povo, bolinando e definindo rumo para oeste, passam ao largo da baía de Machico, e a breve trecho, como açodados talhamares, zarpam e disparam em singradura para o Funchal.

Fazemos a viagem com o pensamento esvoaçando sobre tão belas paragens. Revemos a grandeza dêsse rochoso cenário, com a redolência de seus fenos, empenachados cardos (*cyndara*), e lá muito para longe, a noroeste, sua moita de verdeongos pinheiros,—mas precipuamente avultam e tomam definido relêvo, as figuras do original préstito marítimo, na Piedade. Figuras moventes, animados turbulos de onde se exala o incenso da prece, vivas afirmações da imortalidade da Alma.

Alhures deveria rumorejar a floresta de frondosas árvores, hoje fossilizadas, tocadas de um hálito letífero.

A Vida—rés-vés da Morte.

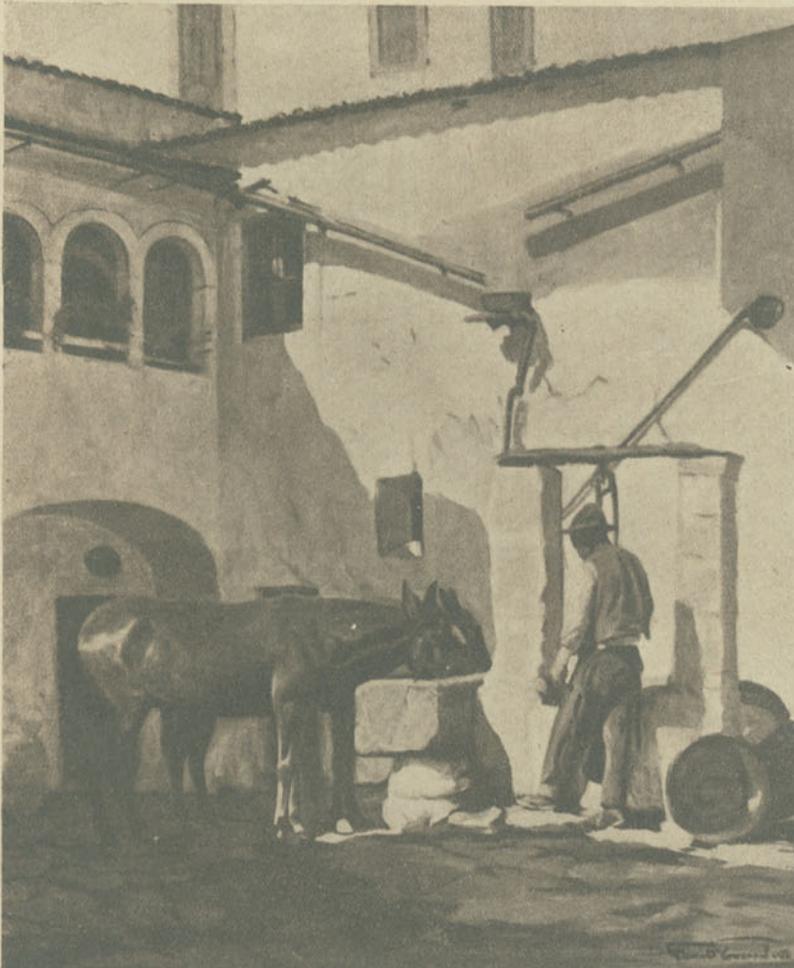
(Do livro no prelo—*De San Lourenço*—*Prosas do Estio e do Outono*).

Funchal.

JAIME CÂMARA.

P I N T O R E S
P O R T U G U E S E SF A U S T O
G O N Ç A L V E SO "POETA DA
P A I S A G E M"

O pintor Fausto Gonçalves

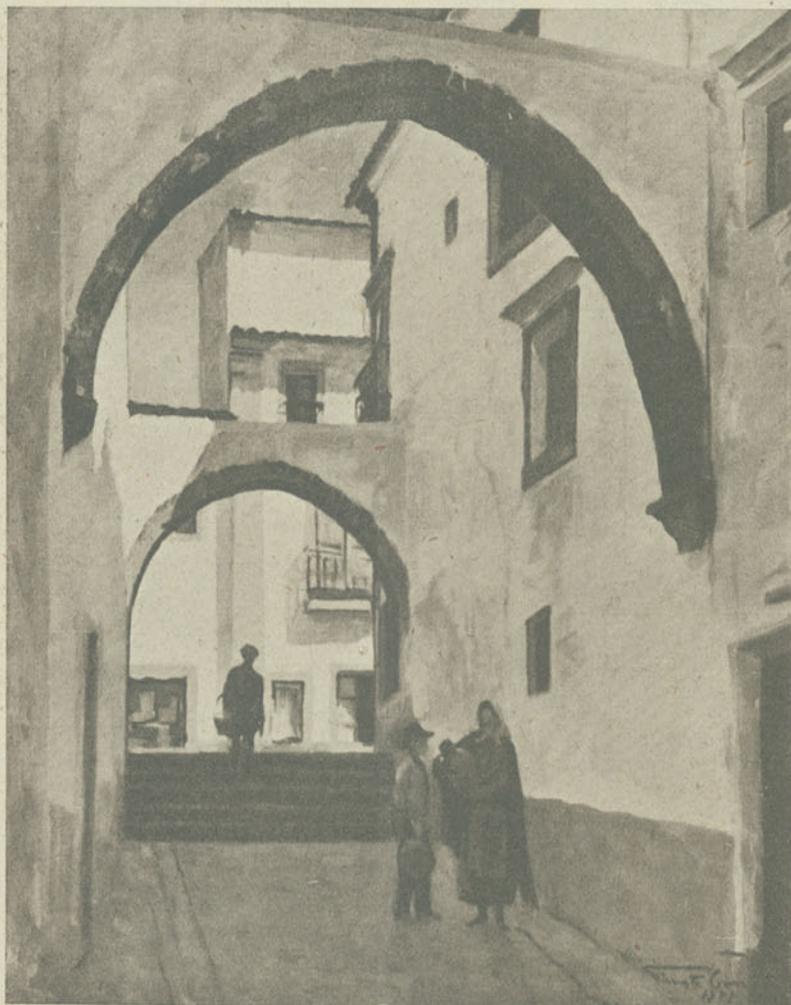


DEPOIS DO TRABALHO, por Fausto Gonçalves

F AUSTO Gonçalves, o estudante coimbrão que um dia, já no limiar do bacharelato, trocou a capa negra do Choupal e das ruas tortas da Princesa do Mondego pela magia luminosa da paleta, acaba de realizar no Pôrto a sua terceira exposição, novo título de glória bem merecido para a sua carreira ascensional de artista probo, apaixonado e fecundo.

Conhecemos, a bem dizer desde os seus primeiros alvôres, a carreira de Fausto Gonçalves. E conhecendo como conhecemos todos os seus triunfos, surpreende-nos, em boa verdade, como se fôra uma *nova revolução* de si próprio, a sua exposição de agora. ¿Porque tenha iniciado uma fase nova da sua carreira? De forma alguma. Simplesmente custa a compreender que este Artista, alheio a Escolas e a Mestres, afastado dos grandes centros de «receituário artístico», possa, só por si, recolhido ao seu pequeno convento da Cumeada, em Coimbra, realizar, de ano para ano, progressos tão vastos e tão definitivos no mundo emotivo das suas interpretações.

Verdade, que Fausto Gonçalves não é bem exclusivamente um intuitivo da Arte. Bem ao contrário (embora a *intuição*, na sua personalidade, supra com vantagem os ensinamentos escolares), ele é, por natureza, um temperamento cheio de inquietação, sempre na pesquisa de novos conhecimentos e de mais profundas emoções. Assim o veremos, em peregrinação religiosamente devotada, pelos museus de Paris e de Itália, não falando



VELHA RUA DE ÉVORA, por Fausto Gonçalves

de bem julgar, que nos esqueça dizer que Fausto Gonçalves não atingiu ainda a plenitude das suas faculdades. Assim acontece, e antes disso! Mal vai áqueles que se realizam totalmente a meio da vida: pouco tinham a realizar-se, ou muito mal se realizaram...

Ainda bem que Fausto Gonçalves não pertence a esse número! Na sua arte, de vãos já tão altos, sente-se, em potencial, a força dinamizadora de mais rasgados vãos!

Longa é já a lista de trofeus conquistados: duas medalhas de ouro; menção honrosa na S. N. de Belas Artes; representação nos Museus Soares dos Reis e Municipal, do Pôrto, Grão Vasco, de Viseu, e Regional de Évora; nas Escolas de Belas Artes do Rio de Janeiro e Bafa, no Gabinete Português de Leitura, etc., sem esquecer a admissão, em lugar de honra, no Salão de Paris. Mas Fausto Gonçalves não dorme sobre os loiros conquistados. A sua alma de poeta e de artista ergue-se, inquieta, em busca de novos horizontes e de novos trofeus. E há-de conquistá-los, porque a sua ansiedade é emoção criadora, porque a sua arte não é produto duma receita mas sim o resíduo vivo duma alma que se queima na chama apoteótica dum grande sonho e dum nobre sacerdócio!

Duma carreira de triunfos é garantia solene a exposição agora realizada, com incedível êxito, na cidade do Pôrto. Dos trinta quadros expostos, colhidos, com mestria de selecção, na Coimbra da Lenda e na Évora do Encantamento, na lírica Ponte do Lima, e na pitoresca Monsão, não recolheu o artista ao atelier uma escassa meia dúzia. Eis um

já do Brasil, onde Fausto Gonçalves conta os melhores loiros dos seus triunfos, onde o seu nome foi assinalado como um dos consagrados da verdadeira Arte lusitana.

Com efeito, o pintor Fausto Gonçalves, o mais delicado Poeta que nossos olhos têm conhecido nos domínios da interpretação pictural da Paisagem, é bem um nome nacional. Deixou claramente o mundo restritivo dos habilidosos da Pintura, em que Portugal é fecundo para alinhar afoito, de cabeça alta, na reduzida falange dos criadores de Arte.



PESCANDO (PONTE DO LIMA), por Fausto Gonçalves

Não vades supôr-nos tão louvaminheiros e tão cegos na difícil tarefa



IGREJA DE SANTO ANTÔNIO (PONTE DO LIMA), por Fausto Gonçalves

índice do triunfo, de que muitos mestres não podem vangloriar-se...

*
*
*

Bem digno, aliás, de todos os triunfos, é este querido artista!

Quem, melhor do que ele, na sua geração, sabe ninar de poesia os trechos da Paisagem lusitana? Quem, melhor do que ele, procura ser honesto no uso da paleta e na escô-

lha dos motivos? Quem, melhor do que ele, pela enternecida frescura das tonalidades, consegue transfigurar a paisagem mais árida e mais triste?

*
*
*

Poeta da Paisagem chamámo-lo a Fausto Gonçalves. Nunca, em nossa bôca, uma expressão literária vestiu tão bem a ideia a traduzir. Chamar-lhe, somente, pintor, era deixar alguma coisa por definir, alguma coisa

de mais profundo, de mais subtil e de mais divino. Mais ainda do que pintor, ele é, na verdade, um grande poeta, — embora ignorante de Poesia. Bem merece, desta sorte, na História da Arte Nacional, o *cognome de Poeta da Paisagem*.

Entretanto, aqui ficam os vossos votos: — que os domínios da sua Arte se alarguem cada vez mais e mais, para glória sua e da nossa terra!

Pôrto — 1931.

EDUARDO SALGUEIRO.

MOTORES

AS PRAIAS DE MIAMI

Miami, na Flórida, atrai os turistas em tôdas as épocas do ano. É, porém, no tempo dos banhos que Miami fica a regorgitar de forasteiros, enchendo-se por completo os seus numerosos e grandiosos hotéis, pensões particulares, etc.

Contam-se por centenas de milhar os turistas que acodem a Miami na época dos banhos. Para muitos d'êles não há alojamento, mas não importa; o americano traz no seu automóvel a necessária barraca de campanha, os utensílios de cozinha e os artigos para uma boa pesca.

Abundam os *bars* ambulantes que visitam a tôdas as horas os forasteiros nos seus *campings*. Estes *bars* são montados em *chassis*

Como os automoveis influíram na sua prosperidade actual

automóveis, com *carrosseries* apropriadas, onde gentis caixeirinhas fornecem as vitualhas frias, numa enorme variedade, para todos os gostos e para tôdas as bôlsas.

É superior a 200 mil, o número de automóveis que visitam Miami nesta quadra do ano. A animação é extraordinária. Há vida, movimento, alegria. Não se canta lá o melan-

cólico fado. É o *jazz*, alegre e ruidoso, que impera. À noite há luz a jorros, como só os americanos sabem dar-nos.

O turista, com o seu automóvel, procura o ponto que mais lhe agrada, animado e ruidoso ou isolado e tranqüilo. Mas não está nunca só. A T. S. F. do seu automóvel põe-o em contacto com todo o mundo.

Ao automóvel deve Miami a sua crescente prosperidade e os milhões do seu comércio

Miami é uma das grandes provas da absoluta e imprescindível necessidade do automóvel para o desenvolvimento do turismo. Oxalá que no nosso país se ponham olhos neste alvo, alizando as estradas e os barrancos aduaneiros,

SAN- TUA- RIOS



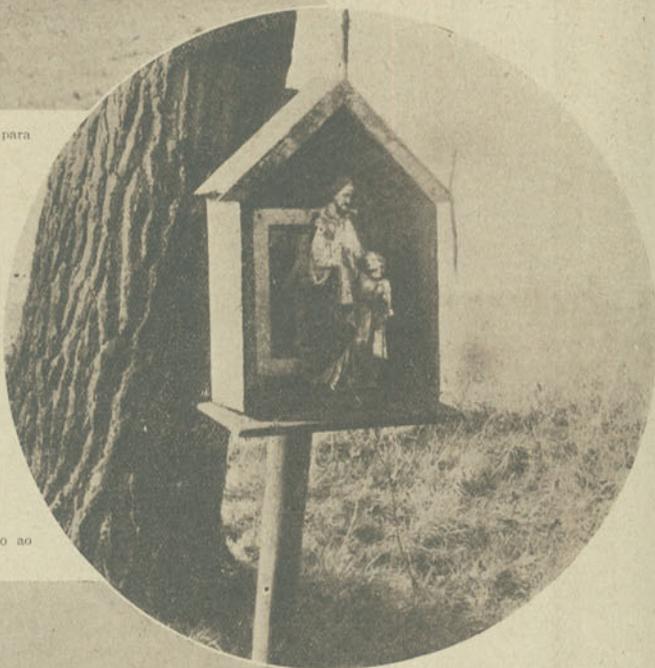
CAMINHO DO MERCADO — Uma curta prece, comovida, pelos que morreram... ou para que o negócio corra bem

Os cruzeiros rústicos, os lindos e poéticos cruzeiros que esmaltam de lágrimas saudosas em pedra os caminhos românticos da nossa terra de maravilha, não têm par em todo o mundo. Não os há tão belos em Espanha, na Espanha ferozmente católica, não os há tão ingénuos e tão humildes, tão próximos de Deus, nem na Itália antiga nem na Baviera tradicional.

Mas, mais ao norte, no Brabante, em tóda a Bélgica, o cruzeiro deu lugar ao santuário, à rústica e ingénua capelinha. Uma estaca no solo movediço e desolado, uma caixa de velhas táboas e protegida por uma rede esburacada, uma imagem grosseiramente bariolada de côres por algum

NO MEDALHÃO — Um nicho de madeira, velhas imagens, eis tudo quanto a devoção camocésina exige a um santuário

EM BAIXO — Uma alegre «família» que passa, à primeira luz da manhã, junto ao santuário humílimo



D O S CAMI- NHOS



rústico imaginário. E eis um santuário, um pequeno templo diante do qual ajoelham os humildes que passam, com uma fé, uma devoção que, talvez, nunca se evolasse aos céus, tão grande, em qualquer das magestosas catedrais flamengas, orgulhosas como obras da vaidade humana em desafio ao Senhor.

Humildes capelinhas dos caminhos! Humildes santuários das encruzilhadas, em vós, na vossa humildade, anda decerto, carinhosamente, a Graça Augusta do Senhor!...

J. S. F.

A ESQUERDA — Um cruceiro evocador sobre uma velha torre decrépita
 NO MEDALHÃO — Por alma da mãezinha... que Deus tem
 EM BAIXO — Mater dolorosa...



MODAS DE PARIS



ÉPOCA DE PRAIAS. PRIMEIROS ARDORES ESTIVAIS, PRIMEIROS «NEGLIGÉS». O PIJAMA MARCOU O SEU LUGAR. NÃO SÓ SUBSTITUÍU O «MAILLOT» CINGIDO E INDISCRETO. TORNOU-SE, TAMBÉM, O TRAJO DE PASSEIO NOS BALNEÁRIOS DA MODA, NOS GRANDES CENTROS DE ELEGÂNCIA À BEIRA-MAR. EM CIMA, UM CONJUNTO CAPRICHOSO EM TECIDO ESCOSSÊS (GRANDE MODA DA ÉPOCA), COMPOSTO DE CALÇA E LONGO CASACO SEM MANGAS. BLUSA DE «PIQUÊ» BRANCO. CHAPELINHO DO MESMO TECIDO EM PRETO E BRANCO. SOMBRINHA ESCOCESA. SAPATO DE CAMURÇA OU LONA BRANCA, SEM MEIA. SACO DE MÃO DO MESMO TECIDO DO CONJUNTO.



À ESQUERDA: — UM PIJAMA MAIS DISCRETO, MAIS LUXUOSO, PARA CASA, PARA O «BOUDOIR» DE UMA ELEGÂNCIA «RAFFINÉE». SÊDAS PESADAS, TONS ESCUROS, BRONZEADOS, BLUSINHA AIROSA EM DISCRETA POLICROMIA. BOLERO SEM MANGAS. AS CALÇAS SÃO, ORIGINALMENTE, PLISSADAS OU PREGUEADAS DE CIMA A BAIXO, ABRINDO AS PREGAS SÓMENTE SOBRE O SAPATO. «ASSORTI».

(Fotos
Bruno
Winterfeld
transmitidas
por
Orrios)



Exclusivo
de
«Ilustração»



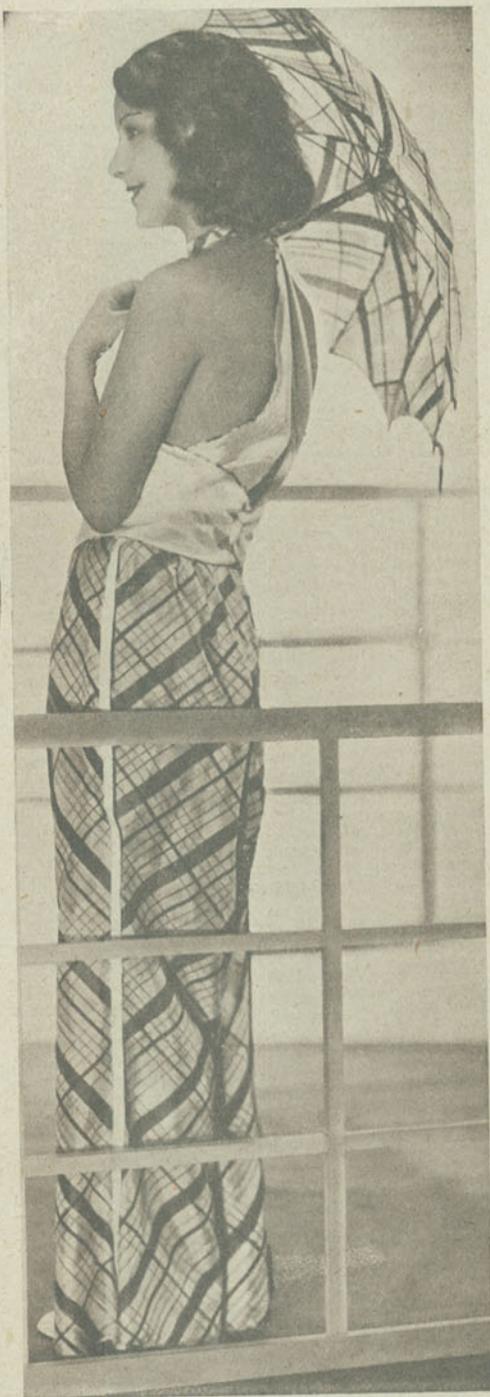
UMA MODIFICAÇÃO AO VELHO «MAILLOT» (EM CIMA). MALHA Salmão COM BOLAS PRETAS IRREGULARMENTE DISPOSTAS. PENTEADOR SEM MANGAS EM «PONGE» BRANCA DE GRANDES PINTAS NEGRAS E Salmão. GRANDE SACA DE «TOILETTE» NESTE MESMO TECIDO. FATO DE BANHO IDEAL PARA MENINA.



EM CIMA: — OUTRO SUGESTIVO PIJAMA DE PRAIA DA MAIS REQUINTADA ELEGÂNCIA. É, TAMBÉM, CORTADO EM TECIDO ESCOCÊS, DE CÔRS VIVAS SÔBRE FUNDO LIMÃO, NO QUE RESPEITA ÀS LARGAS CALÇAS E À SOMBRINHA «COQUETTE». A «SOIT-DISANT» BLUSA TALHA-SE EM SEDA BRANCA OU DE UM XADREZ SUAVE, EM MEIOS TONS, CONJUNTO MUITO CLARO. AS COSTAS FICAM QUASI COMPLETAMENTE NUAS. EXCELENTE CORTE PARA BANHOS DE SOL...



À ESQUERDA: — OUTRO CONJUNTO DELICIOSO, TODO EM MALHAS MODERNAS, ELÁSTICAS. PRÓPRIO PARA RAPARIGAS MUITO NOVAS ESTE CONJUNTO, EM VERDE JADE ORLADO DE FAIXAS VERDE GARRAFA, BRANCO E LIMÃO, COMPÕE-SE DE UM JÓGO DE CALÇÃO E CAMISOLA SÔBRE O QUAL SE VESTE O CASACO COMPRIDO, SEM MANGAS. GÓRRO IGUAL, SAPATO-SANDÁLIA EM LONA BRANCA.



Poliginey
de
Arte



Ilustração
32

VENTO E
MARETA
NO TEJO

Foto de
João Martins

LIVROS

Está em moda a literatura de viagens e está em voga tudo quanto se prenda com Hollywood, nova Bagdad dessa nova Mil e uma noites... de moda nos mil e um cinemas das mil e uma capitais do velho e novo mundo.

Hollywood, Los Angeles, Califórnia, eis três palavras que se evadiram da su letrinha miuda do mapa escolar para inchar de tamanho, reboar em tam-tans de publicidade e atroar o mundo, reproduzidas até à saciedade nos *écrans* prateados dos quatro cantos do globo, nas revistas *cinéfilas* dos quatro milhões de jornalistas amadores que empestam a profissão.

Não é de estranhar que o jornalista mais aficionado às viagens e à rebusca dos pitorescos das grandes figuras mundiais, sentisse o prurido de visitar aquelas novas Terras de Promissão e desarticular os fantechos grotescos que, nas enseadas do Pacífico, à luz falsa dos *sunlights*, se dão arés enfatuados de grandes senhores sendo, tão somente, manequins que financeiros de génio movem ante o mundo para lhe impôr a sua moral, a sua literatura morna, o seu processo industrial, levando-lhes em troca os seus dinheiros (seus do mundo não *yankee*, bem entendido).

Como para António Ferro não existem as peias que, aqui há anos, confinavam o jornalista português a um inglório trabalho de ratação ensonada, de tesoura em punho, parasitando os jornais do estrangeiro, ei-lo de abalada ao novo continente, para nos dar, a seguir de *Mundo novo, novo mundo*, um grande êxito de livreria, este *Hollywood, capital das imagens*, como o outro embrulhado em capa de bom artista, que é Bernardo Marques, e ornado de estampas que mostram o nosso jornalista-viajeiro em comunhão de camaradagem com alguns dos *ídolos* das plateias *cinéfilas* mundiais. Mentiríamos se auráramos a este volume, maior ou igual êxito ao que distinguiu o anterior. Por diferença na *qualidade* literária? Não. Ambos revelam idêntica técnica, idêntica vivacidade do cronista que, distinguido pelo indígena em lugares de honra de grandes rotativos, não defrauda o seu público quando compõe os seus livros jornalísticos. Mas é verdade que *Hollywood, capital das imagens*, escrito com uma preocupação literária louvável, sobe além do nível a que os *reporters* *cinéfilos* têm baixado a mentalidade dos seus leitores. E



como esses *cinéfilos* vão encontrar no livro de Ferro mais personalidade, sugestão e nervosismo pictural em vez de uma barreira insôssa de divórcios e roupa suja, talvez não compreendam essas *imagens* de Hollywood, tão diferentes das *imagens* a que o habituaram.

Os intelectuais algarvios formam, louvados sejam, uma como que maçonaria espiritual regionalista. Escritores do Algarve são editados por algarvios, ilustrados por desenhadores conterrâneos, reclamados com afan pelos seus colegas da benemérita «Casa do Algarve». Ora isto, que é belo, que é notável, que devia verificar-se para as outras regiões do país e até para o país em globo, deve dizer-se que tem conduzido a geração literária actual do Algarve a alguns excessos.

Um deles é a celeuma que têm levantado em redor da figura intelectual de José Dias Sancho. Cumpre o crítico um dever doloroso; o de comentar uma glorificação de um moço artista que morreu. Mas é o excesso irreflectido dos seus amigos que leva, obrigatoriamente, ao comentário franco e desassombrado.

Na ânsia de encontrar valores na sua geração e nos homens da sua província, os artistas do Algarve exalçaram Sancho de uma tal maneira que até alvitram, e não sei se insistem na realização de tal alvitre, uma estátua ao contista na sua terra natal. Ora isto, amigos velhos, é demasiado, roça mesmo as raias do ridículo.

José Dias Sancho era, incontestavelmente, uma pessoa de méritos intelectuais, vamos mais longe, de talento verdadeiro. Era, porém, um unilateral. Sem cultura geral que lhe permitisse abordar a grande crítica-polémica literária, para o que lhe sobravam também uma envesgada visão e uma verrina demasiada, e cometeu pecadilhos literários que só uma larga senda de trabalho nas letras portuguesas viria, dias ainda longínquos, a resgatar. Das suas novelas o que ficou de sólido, de perdurável, pelo menos tão perdurável como o monumento de bronze e mármore projectado?... Só se foi este

Bezerras de Ouro, agora lançado a lume com requintes de elegância editorial e uma boa capa de Roberto Nøbre. Mas, por Deus, amigos, esta novela, com ser limpamente escrita, de sagaz e ardente intenção, mesmo talvez a obra mais simpática do malogrado moço, não pode constituir bagagem suficiente para tão estronosas glorificações.



Já aqui, nesta revista, houve ocasião de falar com simpatia do sr. António Pedro. Um seu livro anterior mereceu as palavras de êncómio. Viu-se nele, então, um espírito irrequieto, novo, febril, transbordante de inexprimente mocidade e prometedor de belas coisas futuras quando a lava desordenada dos seus versos *coagulasse* em alguma coisa de definido como forma. Temos o desgosto de verificar quanto engano havia em tal impressão. O sr. António Pedro não coagulou coisa nenhuma. Agora, que os anos já o deviam aconselhar, conserva de todas as suas qualidades entrevistas, os mesmos rudimentos vagos. E dos defeitos também consideráveis que supuzemos seriam eliminados, ve-



mos conservar o pior de todos. Uma irritante e descabida *pedante* literária que emana de todos os seus versos. Quer isto dizer que o sr. António Pedro seja um nulo ou um tólo?... De forma nenhuma. Mas a onda de desvaivada preocupação político-social que anda por aí a espremer cérebros ainda verdes para conseguir um «óleo humano» especial para uso de inválidos do pensamento, parece ter chegado ao sr. António Pedro e espremido o sumo todo ao seu cérebro jovem e prometedor.

Já nesta secção se fez larga referência, em tempos, à notável obra de Luís de Oteyza, *O diabo branco*, quando ela apareceu em espanhol, alcançando um êxito tão extraordinário que se lhe não encontra comparação no panorama editorial da Espanha, como não seja na tradução de *Nada de novo na frente ocidental*. A propósito da aparição, em português, da formosa e empolgante novela de aventuras do grande jornalista e viajero que é Luís de Oteyza, limitamo-nos a reproduzir as palavras justas e brilhantes que, na emergência já citada, aqui lhe dedicou César de Frias, nosso brilhante camarada e antecessor nesta ingrata tarefa:

«...há nêle a fantasia própria das criações romanescas e há também todo o atractivo duma reportagem feita, por um sagaz *reporter*, na China moderna e revolucionária. Sim, esses dois elementos combinam-se à maravilha nesta novela. A história, narrada sob a forma de autobiografia, de Pedro Garcia Gómez, pacato guarda-livros que, por encargo comercial dos patrões parte para a China e, levado pelos acontecimentos, modifica tanto o seu eu, em sucessivas fases de adaptação demonstrativas do poder do meio sobre o indivíduo, que se arvora em chefe de bandidos chineses, ordenando e cometendo atrocidades iguais às deles,—essa história, dizíamos, é das obras mais variadas de peripécias, mais bem temperadas de humorismo e emoção, mas cheias de imprevisto e de novidade para o leitor, que tem vindo nestes últimos tempos ao nosso encontro.»

A. C.



DA TERRA DOS PRETOS

— I —

OS NEGROS E O ESPIRITISMO

PFFF... Esta deve causar riso ao próprio diabo quanto mais à gente de são raciocínio!...

Vocelências querem ver até que ponto o preto leva a sua pretensão?!... Também é espírita, acredita nas coisas do além — sem ainda perceber bem das do àquem...

Pobre pária da sociedade...

Crê este irmão do diabo, na imortalidade da alma, na vida celeste, mas por um modo diferente dos outros povos. Acredita que a alma lhe vem falar, o enfeitiça quando é de pessoa com quem ele andá travado de razões, e que os seus patrícios morrem num local e vão depois nascer ou acordar em outro, etc., etc. Têm a superstição do espiritismo, da visão. Que faria se este descendente de Lusbel, animal sem a cultura de vida, tiveses lido as obras espíritas, tais como: «O livro dos espíritos, o livro dos médiums, o evangelho segundo o espiritismo, o céu e o inferno, as génesis, obras póstumas, o que é o espiritismo, o principiante espírita», de Allan Kardec; «Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium, Animismo e Espiritismo», de Asakéf; «A Educação da Infância sob o ponto de vista espírita», de António Lima; «O homem através dos tempos», de José Balsamo; «Como e

porque me tornei espírita», de J. B. Berreau; «Magnetismo Curador», de Bué; «Fenômenos psíquicos e ocultos», de Hibert Céste; «Factos espíritas», de William Crookes; «Religião em litígio entre este mundo e outros», de Robert Dale Owen; «O fenómeno espírita», «A evolução anímica», «A alma é imortal», «O espiritismo ante a ciência», de Gabriel Délann; «O porquê da vida», «Depois da Morte», «No Invisível», «O problema do ser e do destino», de Léon Denis; «No país das sombras», de Mistress D'Espérance; «Bases científicas de espiritismo», de Épes Sargent; «Deus na Natureza», «Pluralidade dos mundos habitados», «Os mundos imaginários e os mundos reais», «Narrações do Infinito», «Urania», de Camille Flammarion; «O Espiritismo Cristão ou Revelação das Revelações», G. B. Ranstaing; «Jesus perante a Cristandade, de Jesus para as Crianças», «Elucidações Evangélicas», «Do Calvário ao Apocalipse», do doutor António Luís Seyae;

«Diálogos Espíritas», do doutor Augusto José da Silva; «Marietta», do visconde de Tôres Solanot; «Cartas Espíritas», de Urias; «Nos Tempos do Himalaia», no Santuário, de A. Vanan der Naillen; «Espiritismo e Positivismo», de Vitor Vieira; «Jesus Cristo, seus Apóstolos e seus discípulos no Século XX», «Os Génios», do conde Camilo de Rossene e muitos outros? Por certo que ficaria desequilibrado da mioleira, como tantos outros o têm ficado, e sem serem pretos.

É engraçado o modo como ele explica estas coisas, como ele as acredita. Diz que tem visões de noite que lhe mostram tudo, que o levam a falar aos que morreram e que já nasceram noutra ponto do globo.

— Que ingénuos!...

Se as almas dos que morrem tivessem possibilidade de cá voltar como deveriam ficar os brancos, se às dos pretos, uma noite, quando S. Pedro estivesse a dormir, lhes desse para arrebentar as portas do céu, e invadissem a metrópole a dançar o *Batuque* às cabeceiras das camas dos seus habitantes? Era de se nos pôrem os cabelos em pé com a formosura de tais espíritos acarvoados!

Stullerum infinitus est numerus!...

Sá da Bandeira.

ZARCO DE ALMEIRIM.



Um preto sonhando que vê as almas dos parentes e amigos — (Flagrante de Rosa de Avellar)

A flagrante influência de PIERRE LOUYS

Uma obra de ABEL BOTELHO

Não há escritor nem artista que possa considerar-se absolutamente original. Um literato ou um pintor de determinada época parecem-se com um literato ou um pintor da mesma época, como um sobreiro com outro sobreiro, uma rosa com outra rosa. Possuem todos o mesmo ar de família.

Contemporâneos de Van Dick, existem muitos pequenos Van Dicks que, decerto, no seu tempo se julgavam absolutamente originais e diferentes do grande mestre da pintura flamenga. Mais modernamente à sombra de Rodin surgiram outros Rodins mais tamaninhos, mais insignificantes, e à maneira de Zola escreveram outros Zolas sem categoria literária nem brilho mental.

Entre nós, Camilo criou escola e Eça influuiu poderosamente nas últimas gerações, a pontos de pessoas que não são néscias lhes imitarem as expressões e usarem o seu estilo e o seu vocabulário sem hesitações nem escrúpulo.

Presentemente, em pleno século XX, ninguém poderá gabar-se de ter criado uma obra nova. Ideias inéditas não existem e, na impossibilidade de obtê-las, o escritor deve resignar-se a aspirar, quanto muito, a saber apresentar com aparência, aspecto, forma originais, as ideias que outros antes dele já cultivaram.

Não pode exigir-se de um escritor um problema novo. Seria reclamar o que as forças humanas não comportam. Existe, porém, o meio termo, o relativo, e dentro deste relativo, que é ainda um vasto campo onde a inteligência e a sensibilidade de cada um cabem à vontade, pode estabelecer-se uma originalidade convencional.

Examinemos, por exemplo, sob este ponto de vista, os *Lusiadas*, de Camões, e confrontemo-los com a obra dos seus contemporâneos. Os *Lusiadas* possuem a ideia mais bela e mais rara, a emoção mais intensa e a forma mais harmoniosa e perfeita. Camões foi, por isso, o maior poeta da sua época. Foi o mais original.

Entretanto, não se pode afirmar que no seu poema haja influências de outros poemas, nas suas imagens semelhanças com imagens de outros poetas e na sua forma épica um parentesco acentuado com outros épicos.

Ninguém, nem mesmo génios como Camões, pode furtar-se totalmente à influência do ar que respira, dos livros que lê, da História que estuda, das lendas que se escuta. No sub-consciente vão-se armazenando, contra a vontade do próprio indivíduo, materiais que este um dia utiliza, convencido de que são absolutamente seus, originais, inéditos e, afinal, não passam de pequenas partículas do espírito alheio que na sua inteligência fluuam sem rumo certo, como embarcações sem leme. São essas partículas, esses destroços de ideias, esses materiais dispersos que, arrumados, concertados, transformados por mentali-

dades excepcionais, formam por vezes uma obra que nos parece original.

É frequente notar-se num escritor certas passagens dos seus livros que recordam as de outro literato. E, entretanto, não devemos considerar essas coincidências plagiatis conscientes. São vagas reminiscências, ou meros acasos que levam um a enveredar pelo mesmo caminho que outro já trilhou. De resto, a mesma ideia concebida por cérebros diferentes chega a revestir-se de formas tão diversas, tão opostas que o público a toma por duas ideias dessimilantes.

Há, porém, casos em que a semelhança é flagrante e o plagiato se acusa de maneira iniludível. Alguns escritores, seduzidos pela ideia de outro, não podem resistir à tentação do furto. E furtar uma ideia é, quanto a nós, delito mais grave do que furtar um pão.



Abel Botelho, por Tagarro

Um exemplo de escritor de talento inconfundível, arrojado, original, que não tinha necessidade de apropriar-se do alheio, e se apropriou, é o nosso Abel Botelho.

Deixou uma obra curiosa, muito sua, escrita num estilo elegante e impressivo. Os seus romances tão apreciados, principalmente na Argentina, chegaram a criar escola. *Próspero Fortuna*, *O Barão de Lavos*, *Amanhã*, *Fatal dilema* são romances inconfundivelmente seus. Quem escreve como ele escreveu não necessita de recortar dos livros de outros escritores trechos para remendar nos seus. Não foram esses trechos que lhe trouxeram maior glória — apenas lha diminuíram.

O vigoroso autor do *Barão de Lavos* enamorou-se da prosa elegante, mas fria, desse voluptuoso escultor da palavra que é Pierre Louys. No tempo em que Abel Botelho escreveu o seu *Livro de Alda*, Pierre Louys era pouco conhecido em Portugal. Verifica-se em todo o romance uma poderosa influência da *Afrodite*, do grande escritor francês. Essa

influência seria desculpável e, em algumas páginas, o autor do *Amanhã* não transcrevesse trechos inteiros, textualmente, até com a pontuação e a construção gramatical francesa.

Faça-se o confronto dessas páginas e verificar-se há a razão do nosso assêrto.

Auxiliemos o leitor nesse confronto.

A páginas 236 da terceira edição do *Livro de Alda*, lê-se:

Pois este novo amplexo logo resultou tão harmonioso, tão completo e perfeito, que por algum tempo nos mantivemos, de medo de o desmanchar, absolutamente imóveis, para assim bem de pleno e de espaço mergulharmos em toda a sua imensa e rica voluptuosidade. Um dos seios de Alda, que eu abraçara com furor, moldara-se-me teso e cheio no anglo do sovaco; uma das suas pernas tinha-a eu, estrangulada e firme, entre as minhas, enquanto a outra com o seu pêso me afagava o flanco alargada e macia. As pontas dos seus dedos trémulos cocejavam-me imperceptivelmente a epiderme. Os seus lábios coloram-se. Vistos agora na proximidade, pareciam-me enormes os seus olhos, que esmaeciam de volúpia.

A páginas 99 da *Aphrodite*, de Pierre Louys, editada em Paris por Arthème Fayard et C., lê-se o seguinte:

Leur première étreinte avant l'amour est immédiatement si parfaite, si harmonieuse, qu'ils la gardent immobiles, pour en connaître pleinement la multiple volupté. Un des seins de Chrysis se moule sous le bras qui l'accôle avec force. Une de ses cuisses est brûlante entre deux jambes resserrées, et l'autre, ramené par-dessus, se fait pesante et s'élargit. Ils restent ainsi sans mouvement, liés ensemble mais non pénétrés, dans l'exaltation croissante d'un inflexible désir qu'ils ne veulent pas satisfaire

...On ne regarde rien d'aussi près que le visage de la femme aimée. Vu dans le rapprochement excessif du baiser, les yeux de Chrysis semblent énormes.

A páginas 238 do mesmo livro escreve Abel Botelho:

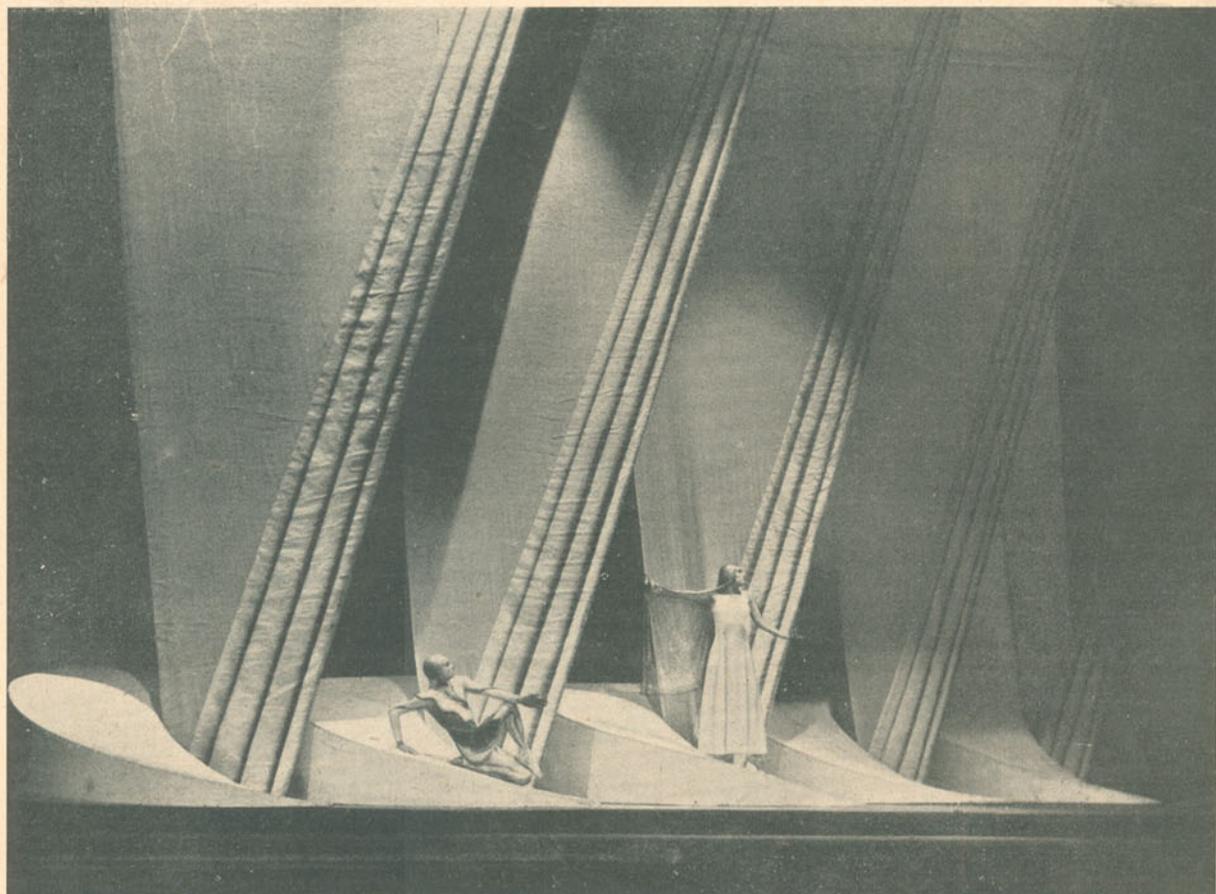
Nada há em toda a Natureza tão admirável, tão avassalador, tão belo! nada que iguale o genésico irromper da vida, este titânico bravejar de todas as energias criadoras... mistério tão desmedido e tão elemental, tão grandioso e tão simples, cuja causa directa reside afinal em nós mesmos, etc.

E Pierre Louys, ainda a páginas 99 da aludida edição da sua *Aphrodite*, publica:

...Aucun spectacle de la nature, ni les flammes occidentales, ni la tempête dans les palmiers, ni la foudre, ni le mirage, ni les grands soulèvements des eaux semblent dignes d'étonnement à ceux qui ont vu dans leurs bras la transfiguration de la femme.

Dispensamo-nos de mais citações. O leitor se pretende certificar-se melhor da verdade do que acabamos de revelar que procure nas duas edições os trechos literalmente traduzidos por Abel Botelho, ou simplesmente adaptados. E sentirá, como nós sentimos, vontade de arrancar esses períodos inglórios à obra de um escritor cujo renome foi conquistado à custa do seu talento, que o tinha e do melhor quilate.

MÁRIO DOMINGUES.



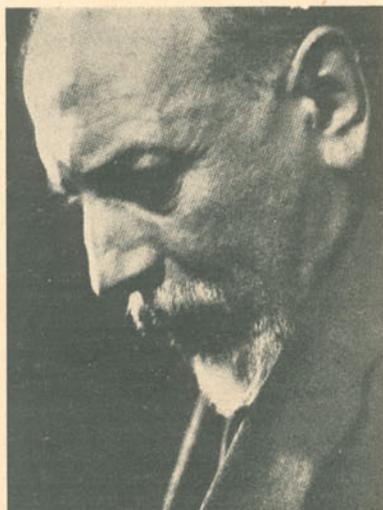
(Foto Orrios)

TEATRO MUNDIAL

As grandes realizações coreográficas, as arrojadas concepções decorativas dentro da encenação teatral vão, cada vez mais, conquistando todos os públicos. Os bailados que Sergio Diaghilew revelou ao mundo como sinfonia completa do som, da cor e do ritmo, conquistando o mundo artístico de uma só rajada, por muito que fossem arrojadas, para a época, as suas concepções decorativas, os bailados que Jan Borlin deu a Paris e a Pawlova levou às Américas snobíssimas, são hoje, ainda mais refinados, mais estilizados, erguidos a um grau de intelectualidade ainda maior, um dos espetáculos mais belos e mais elevados. Por toda a parte, nanja por cá, decerto, os grandes coreógrafos imaginam e realizam os mais belos comentários plásticos à música dos grandes génios do pentágono. Até a Espanha tem a sua melhor embaixatriz em Antonia Mercè, «La Argentina», a bailadora famosa que, à frente de uma companhia magnífica, emoldurada em decorações e trajos de Nestor, percorre o mundo triunfalmente, revelando a grande música de Manuel de Falla, Ernesto Halfter, Turina, Granados e Albeniz. E no esplendor das suas realizações impecáveis vai a maior afirmação de quanto, no mundo da arte, vale a Espanha.

Neste crónico «Jardim da Europa», onde se não vislumbra coisa que valha na arte do bai-

lado ou da pantomima musical, resta-nos a consolação de contemplar o que fazem os demais, e ainda assim temos de o fazer por fotografias. Encabeçamos esta página com a reprodução de um momento magnífico do bailado estético «Planetas» realizado na Linden-Oper, de Berlim, pelos egrégios artistas



Ivonne Georgi e Harald Kreutzberger que aqui vemos, na interpretação da principal parte masculina, bailando com a danarina solista Daisy Spiess, que obteve, nesta realização, um grande triunfo pessoal.

Como se pode verificar, a beleza decorativa do quadro, a ciência das atitudes, a eurtmia dos movimentos em suspenso, a harmonia do conjunto, estão absolutamente a roçar pelas realizações das «apoteoses maquinadas» dos nossos teatros, com bichas de rabião, chuva, naufrágios e combates... «mesmo tal e qual»!

Luigi Pirandello, o imortal, cujo último retrato publicamos hoje, não tem, ao que parece, conseguido novos triunfos scénicos. Renovador colossal, mas em que é de novidade mais a forma do que o fundo da obra de pensamento, sem a universalidade sarcástica de Shaw, o genial dramaturgo italiano, depois de gestar meia dúzia de obras que o tempo dirá eternas, não pode prodigar maravilhas como quem prodiga «revistas do ano». Arriscava-se a revelar a suprema fragilidade do seu génio, que é, creio bem, um estado patológico, temporário, da sua imaginação.

Por agora deu ao cinema falado uma obra que dizem notável e que se intitula, paradoxalmente... «Silêncio!...».

CALDERÓN DE LA BARCA.



OS PRECURSORES DA T. S. F.

A dez anos da praticabilidade da rádio começa-se a fazer a história.

É difícil a tarefa. Cada sábio reivindica para si os louros da vitória.

O que não resta dúvida é que a T. S. F. não é obra de um. Colossais mentalidades a conduziram à maravilha de hoje.

Numa breve revista, sucinta como a coordenação de legendas, queremos hoje arquivar aqui alguns tópicos sobre diversos dos nomes mais representativos entre estes precursores. Não obedecem as nossas referências nem a ordem cronológica, nem a outra qualquer bitola de predileção. Seguimos a ordem que a disposição gráfica nos impõe e só essa.

Augusto Righi, foi professor de física do

Instituto Técnico de Bolonha, das Universidades de Palermo, Pádua e Bolonha. Entre os seus notáveis trabalhos pode mencionar-se *Ondas hertzianas*, de 1900.

O conde Georg von Arco, é assistente do professor Slaby (1898), fez rádio-telefonias a 35 quilómetros, em



Prof. Righi



Dr. J. A. Fleming

Dezembro de 1906. Em 1912 apresentou os aparelhos de alta frequência, no Congresso Internacional de Radiotelegrafia, de Londres.

O Dr. John Ambrose Fleming, foi um antigo professor de matemática e física na



Conde Von Arco



Sir Wm. Preece

Universidade de Cambridge e, mais tarde, professor na Universidade de Londres.

Descobriu a válvula de dois eléctrodos em 1902.

Por sua vez, William H. Preece, antigo alto comissário na Nova Zelândia e na África do Sul, foi principal animador das comunicações da Grã-Bretanha com os domínios, numa gestão soberba das aplicações



G. C. Isaacs

A Grande Estação de

Koenigs-Wusterhausen



As bobinas de indutância da gigantesca emissora

Algumas das válvulas do emissor de alta potência

Uma das formidáveis torres porta-antenas com 750 pés de altura



Max Wien

práticas da T. S. F., levados ao seu mais alto grau de importância. O desenvolvimento da T. S. F. muito deve a este ilustre homem de ciência.

Entre os precursores está, em lugar de honra, o notável homem de ciência Godfrey C. Isaacs, professor, sábio notável, de vasta cultura, educado na Inglaterra, França e Alemanha, antigo director da Companhia Marconi. As suas obras de estudo e experiências práticas sobre T. S. F. são tantas e tão notáveis que não cabe aqui pormenorizá-las.

O professor Max Wien foi antigo assistente de Röntgen (1891-93). A ele se devem notáveis trabalhos sobre as ondas electro-magnéticas e sua propagação.

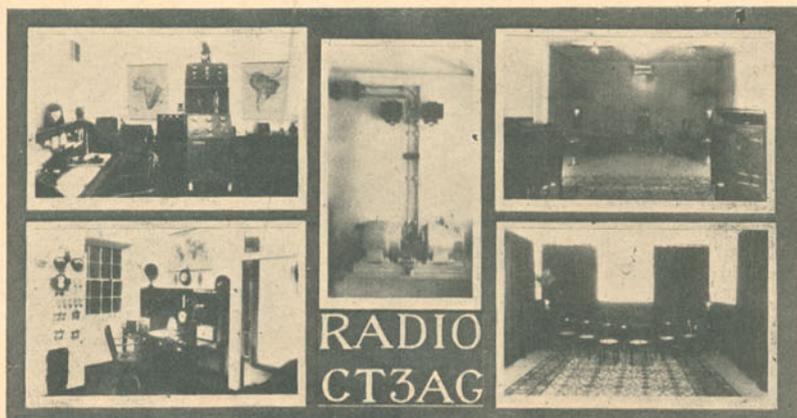
André E. Blondel, da Universidade de Paris, é uma das grandes figuras da T. S. F., a quem se deve o Oscilógrafo, criação genial



Uma audição de «A Donzela de Orléans» na emissora de Hamburgo. No meio o autor, em redor os grandes artistas que interpretaram

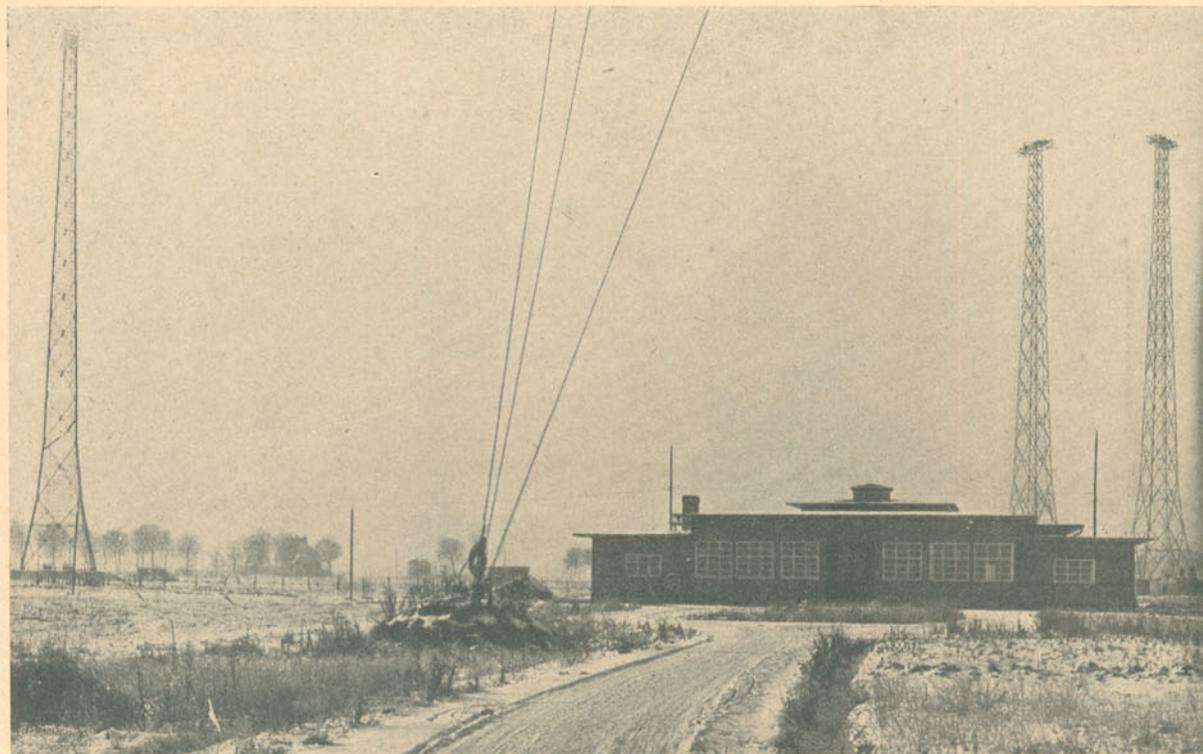
que abriu um novo campo ao estudo da corrente alterna. Foi o primeiro a explicar matematicamente (1893) o efeito da inércia nos alternadores. Entre vários scientificos trabalhos, distingue-se o sistema de sintonia acústica na T. S. F.

Outro nome de grande destaque aparece entre os precursores, é Sir Oliver Lodge, professor de física das Universidades de Londres, Liverpool e, ultimamente, em Birmingham. A sua patente de sintonia da T. S. F. foi adquirida pela Companhia Marconi e é das mais notáveis realizações práticas na transmissão sem fios.



O posto rádio do amador Tiago de Aguiar, na Madeira

EM BAIXO — Uma das emissoras de rádio-difusão de Varsóvia (Polónia)





A. Blondel

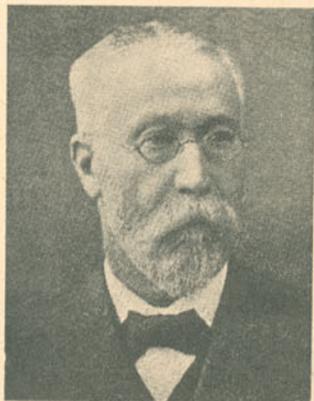
Por último, arquivamos o retrato do egrégio sábio e investigador, o prof. Ferdinand J. Braun, director do Instituto de Física de Estrasburgo. Obteve o prémio Nobel de 1910,



Sir Oliver Lodge

o que dá a justa medida do valor dos seus trabalhos geniais.

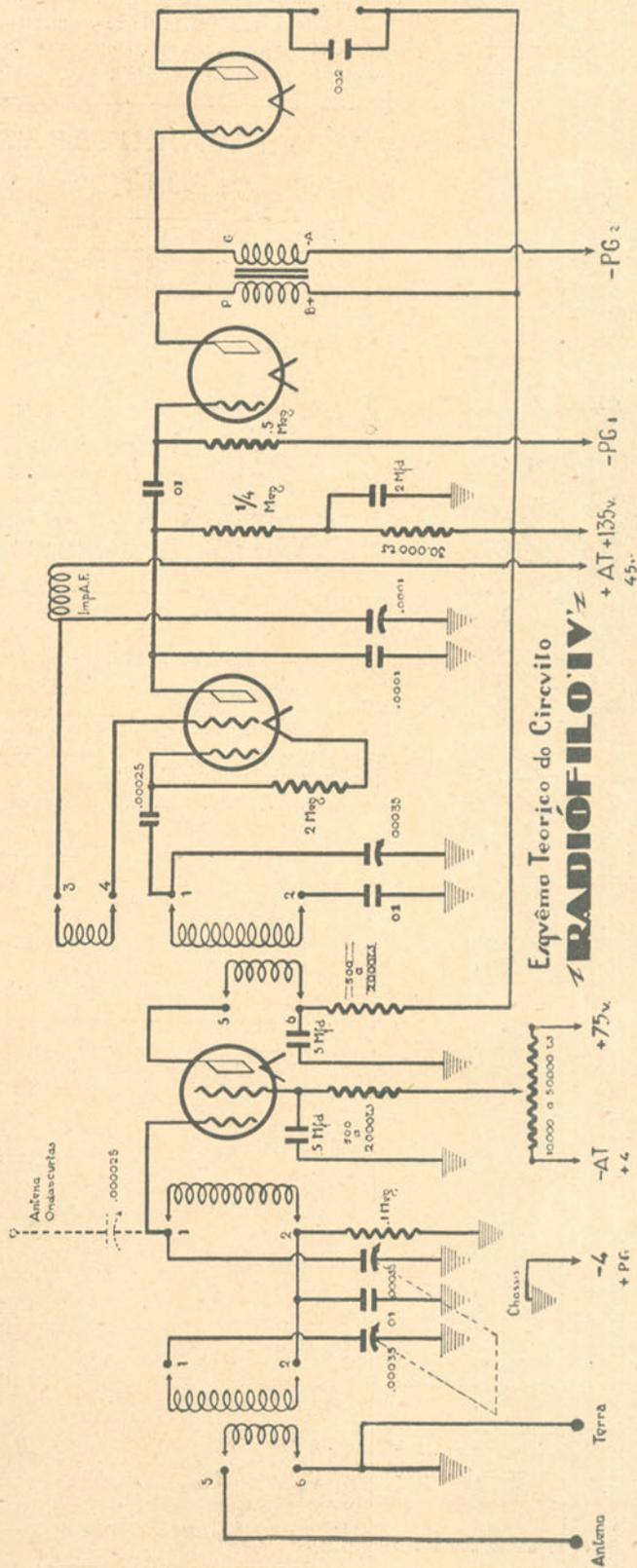
Evidentemente que não inserimos nestas columnas todos os retratos dos notáveis percursoros da T. S. F. Muitos mais se notabilizaram no estudo teórico e prático destes fenómenos. Muitos faltam, portanto, na nossa série. Mas aqui deixamos arquivados os retratos de al-



F. Braun

guns que, desconhecidos talvez do grande pública, mais obras geniais e magnificas deixaram neste capítulo da história da Civilização.

ALVARO CONTREIRAS.



Recepção de ondas médias e ultra-ondas.
Potência final modulada de 500 milliwatts.
Duplo controle de volume; pre-detector pela regulação do potencial da grelha de proteção da válvula de alta frequência; post-detector por condensador de recepção.
Comando-único sem compensadores ou duplo à opção em ondas médias.
Realização inteiramente nova. Construção em chassis metálico sem painel nem sub-painel isolador. Mitigação individual das bobinas e das válvulas de alta frequência e detectora.

acomplada por transformador e protegida pelo filtro de banda contra a emulação cruzada das emissoras locais.
Detector de grelha blindada regenerativa, comunicando sensibilidade e amplificação muito superiores às obtidas com as válvulas vulgares.
Primeiro andar de baixa frequência acoplado por resistências assegurando óptima qualidade de som.
Segunda baixa frequência de transformador.
Desacoplamento cuidadoso das correntes de alta e baixa frequência para perfeita estabilidade, boa reprodução e fácil regulação.

Extraordinário aparelho receptor de 4 válvulas que acaba de ser publicado pela revista *Rádio-Sciência*, cujas principais características são:
Seletividade constante de 20 kilociclos obtida com um filtro de banda pre-selector donde resulta uma eliminação facilissima das estações locais.
Amplificação de alta frequência com uma válvula de grelha blindada

NÃO ERA SÓ ELE

— Nós não editamos aqui porcarias dessas! — disse o editor com arrogância, ao restituir os versos ao autor.

— Está bem, mas escusa de se mostrar tão soberbo lá por isso! — retorquiu o poeta. — Não é o senhor o único que os não quer imprimir.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

A	D	O	R	A	V	E	L	E	S
M	I	M	O	S	A	I	N	D	A
A	V	E	S	T	R	U	Z	E	L
V	I	G	A	R	I	A	A	N	A
E	N	A	O	C	T	A	N	M	
L	A	A	C	O	I	M	A	D	A
A	C	A	S	T	E	L	A	R	
O	S	T	R	O	A	I	R		
S	A	G	U	I			S	O	L
G	I	R	A	O	P	I	T	E	U
A	R	A	L	D	E	S	A	S	A

PACIENCIA

O poeta: — Ó senhor! há três anos que lhe entreguei as minhas poesias e ainda não foram editadas!

O editor: — De que se queixa! Lembre-se de que Homero teve de esperar três mil anos antes que lhe imprissem a *Ilíada*!

Entre namorados recentes.

Estavam ambos num recanto sombrio e afastado, da sala.

— Dá-me um beijo? — pediu ele.

Nada de resposta.

Pediu quatro vezes e não obteve resposta.

— Está surda? — exclamou por fim.

— Não — disse ela. E você, está paráltico?

Porque tem um cafaveno muitas vezes a forma de um galo?



Algumas das tribos do Norte da Europa tinham, em tempos remotos, como seu emblema nacional, o galo, o velho símbolo da vigilância. Estas tribos é que, em séculos posteriores, vieram a ser as fundadoras do que chamamos arquitetura gótica, na qual são construídas grande parte das igrejas e catedrais. Era, portanto, natural que o galo figurasse muita vez na ornamentação dessas igrejas. Este emblema, todavia, tinha ainda uma segunda significação, estando intimamente ligado com S. Pedro e o seu acto de negar a Cristo. E no século ix um Papa ordenou que toda a igreja paroquial, com campanário, rematasse este com um galo, como símbolo de S. Pedro.

BOM HUMOR

O freguês: — Tenho pena, mas não lhe posso pagar este fato senão para o fim do mês que vem. Quando é que mo dá o pronto?

O alfaiate: — Para o fim do mês que vem,

— Ai, sr. doutor! este meu filhinho enguliu uma moeda de cinco réis!

— Não lhe dê cuidado, minha senhora!

— Porquê? Não é grave, doutor?

— Ora... Uma quantia tão insignificante!

No exame de português:

Examinador: — Pedro matou António. Onde está o sujeito?

Examinando: — Provavelmente, na cadeia.

— Imagine o meu amigo o que me aconteceu no outro dia, quando fui caçar para os lados do Seixal. Estava numa espera, quando de repente salta um lobo...

— Bem sei, já ontem me contou isso.

— Impossível! pois se a mim mo contaram esta manhá!

— Não, sr. doutor: Tenho de me divorciar. fesse bruto trata-me como a uma cadela e faz-me trabalhar como um cavalo!

— Nesse caso dirija-se à Sociedade Protectora dos Animais...

— Essa é boa! Era o que me faltava ouvir! Você, um antigo D. Juan, acha difícil mandar cartas de amor à sua noiva?...

— É que me aborrece muito... ter sempre de pôr a mesma direcção nos sobrescritos!...



ANEDOTAS

O marido (apresentando): — Este é o meu velho amigo Teixeira; chegou agora das Ilhas Canárias.

A esposa (amavelmente): — Que interessante! Então canta, com certeza.

Na sala de fumo de um club, dois sujeitos já de meia idade, estavam criticando os rapazes de agora.

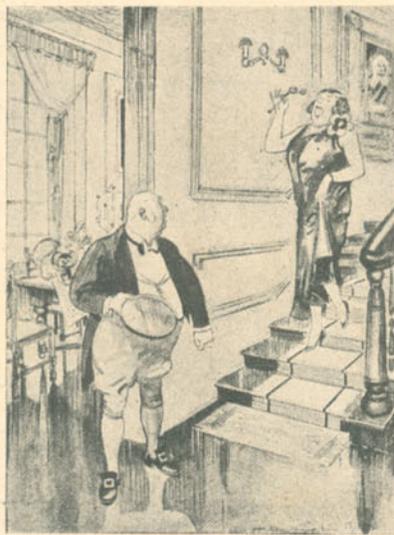
Dizia um deles: — Ora veja você, a relutância que os rapazes hoje têm para se casarem e constituírem família!

— Lá isso é verdade — replicou o outro.

— Parece que têm medo do casamento — tornou o primeiro. — Pois eu, então, antes de casar não sabia que coisa era medo!

Um inglês, em Londres, levou um seu amigo americano, a vêr o *Hamlet*.

— Vocês, por cá, andam atrasados — observou o americano; — eu vi esta peça em Nova York há já uns quatro anos.



O criado: — Senhora viscondessa, o Nilo anda em cima da mesa a comer dos pratos todos.
A viscondessa: — Então, tire de lá a mayonnaise, João, que lhe pode fazer mal.



OFICINA DE IMPRESSÃO

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

E' nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
~ ~ ~ RÁPIDAS ~ ~ ~

COMPOSIÇÃO MECANICA



OFICINA DE COMPOSIÇÃO



Apostaria V. Ex.^a por um cavalo de corrida que tivesse uma perna partida?

O uso de um óleo de lubrificação incompleto representa um risco idêntico.

O óleo apropriado a qualquer motor deve ter em proporção correcta e constante, as seguintes propriedades:

Contra - Carbonização — que assegura a redução dos depósitos carbonosos duros.

Resistência ao calor — que assegura maior duração do óleo.

Oleosidade — pela qual se obtém a protecção máxima das superfícies em contacto.

Contra - Oxidação — pela qual são evitados os depósitos gomosos nas válvulas e o entupimento das tubagens do óleo.

Os produtores de Mobiloil são especializados na fabricação de lubrificantes «completos» desde há 64 anos. Há um tipo de Mobiloil adequado exactamente às necessidades do carro de V. Ex.^a. Procurai-o na «Tabela de Recomendações Mobiloil».

825

Peça



Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

V A C U U M O I L C O M P A N Y